

BENEDICT

O CRISÂNTEMO E  
A ESPADA



UNIFOR

the japanese

Ruth Benedict

# O Crisântemo e a Espada

**Padrões da Cultura Japonesa**

**UNIVERSIDADE DE FORTALEZA  
BIBLIOTECA CENTRAL**

editora Perspectiva

São Paulo

UNIVERSIDADE DE FORTALEZA  
-- BIBLIOTECA CENTRAL --  
Nº 1076 Data 1973

Título do original:

*The Chrysanthemum and the Sword*

Copyright by

HOUGHTON MIFFLIN & COMPANY

Direitos para o Brasil reservados à  
EDITORA PERSPECTIVA S. A.

Av. Brig. Luís Antônio, 3.025

São Paulo - SP

1972

## SUMARIO

<i>Agradecimentos</i> .....	7
1. <i>Missão: Japão</i> .....	9
2. <i>Os Japoneses na Guerra</i> .....	25
3. <i>Assumindo a Posição Devida</i> .....	43
4. <i>A Reforma Meiji</i> .....	69
5. <i>Devedor dos Séculos e do Mundo</i> .....	87
6. <i>Saldando um Décimo Milésimo</i> .....	99
7. <i>O Pagamento "mais Difícil de Suportar"</i> .....	115
8. <i>Limpando o Nome</i> .....	125
9. <i>O Círculo dos Sentimentos Humanos</i> .....	151
10. <i>O Dilema da Virtude</i> .....	167
11. <i>A Autodisciplina</i> .....	193
12. <i>A Criança Aprende</i> .....	213
13. <i>Os Japoneses desde o Dia da Vitória</i> .....	249
<i>Glossário</i> .....	265
<i>Índice</i> .....	269



## AGRADECIMENTOS

Os japoneses, nascidos ou educados no Japão, e que viviam nos Estados Unidos durante os anos de guerra, viram-se colocados numa posição bastante difícil. Foram alvo da desconfiança de muitos americanos. Tenho, portanto, grande prazer em dar testemunho de seu auxílio e amabilidade durante o período em que estive reunindo material para este livro. Sou-lhes muito grata, especialmente ao meu colega de tempo de guerra, Robert Hashima. Nascido neste país e educado no Japão, decidi voltar para os Estados Unidos em 1941. Foi internado num campo de recolocação de guerra e eu fiquei conhecendo-o quando veio trabalhar em Washington nos órgãos de guerra dos Estados Unidos.

Agradeço também ao Serviço de Informação de Guerra, cujo relatório de que me incumbiu constitui este livro; particularmente, o Professor George E. Taylor, Vice-Diretor para o Extremo-Oriente, ao Comandante Alexander H. Leighton, MC-USNR, que chefiava a Divisão de Análise Moral Estrangeira.

Quero agradecer também àqueles que leram este livro total ou parcialmente: Comandante Leighton, Professor Clyde Kluckhohn e o Dr. Nathan Leites, todos pertencentes ao Serviço de Informação de Guerra durante o período em que estive trabalhando no Japão, tendo me ajudado de muitas maneiras; Professor Conrad Arensberg, Dra. Margaret Mead, Gregory Bateson e E. H. Norman. Agradeço a todos por sugestões e auxílio.

RUTH BENEDICT

A AUTORA deseja agradecer aos seguintes editores, que lhe permitiram fazer citações extraídas de suas publicações: D. Appleton-Century Company, Inc., de *Behind the Face of Japan*, de Upton Close; Edward Arnold and Company, de *Japanese Buddhism*, de Sir Charles Eliot; The John Day Company, Inc., de *My Narrow Isle*, de Sumie Mishima; J. M. Dent and Sons, Ltd., de *Life and Thought of Japan*, de Yoshisabura Okakura; Doubleday and Company, de *A Daughter of the Samurai*, de Etsu Inagaki Sugimoto; Penguin Books, Inc., e o *Infantry Journal* de um artigo pelo Coronel Harold Doud, em *How the Jap Army Fights*; Jarrolds Publishers (London), Ltd., de *True Face of Japan*, de K. Nohara; The Macmillan Company, de *Buddhist Sects of Japan*, de E. Oberlin Steinilber e de *Japan: An Attempt at Interpretation*, de Lafcadio Hearn; Rinehart and Company, Inc., de *Japanese Nation*, de John F. Embree e a University of Chicago Press, de *Suye Mura*, de John F. Embree.

## 1. MISSÃO: JAPÃO

Os japoneses foram os inimigos mais hostis jamais enfrentados pelos Estados Unidos numa guerra total. Em nenhuma outra guerra travada contra um adversário poderoso fora necessário levar em consideração hábitos tão extremadamente diversos de agir e de pensar. Como a Rússia czarista, que em 1905 nos antecedeu, combatíamos uma nação completamente armada e treinada que não pertencia à tradição cultural ocidental. As convenções de guerra, que as nações ocidentais aceitaram como fatos consagrados da natureza humana, obviamente não existiam para os japoneses. A guerra no Pacífico constituiu-se, por isso mesmo, em algo mais do que uma série de desembarques em praias de ilhas, em algo mais



do que insuperado problema de logística. Transformou-se antes de mais nada num problema concernente à própria natureza do inimigo. Teríamos de entender sua conduta, a fim de poder combatê-lo.

As dificuldades foram grandes. Durante os setenta e cinco anos que se seguiram à abertura das portas do Japão, os japoneses vêm sendo incluídos na mais fantástica série de "mas também" jamais empregada com relação a qualquer nação do mundo. Quando um observador sério escreve a respeito de outros povos afora os japoneses, considerando-os de uma cortesia nunca vista, é pouco provável que acrescente "mas também insolentes e autoritários". Quando disser que o povo de determinada nação é de uma incomparável rigidez de conduta, não há de acrescentar "mas também se adaptam prontamente a inovações extremas". Quando considerar um povo submisso, não há de assinalar além disso que não se sujeita facilmente a um controle de cima. Quando os declarar leais e generosos, não advertirá "mas também traiçoeiros e vingativos". Quando disser que são verdadeiramente bravos, não discorrerá sobre a sua timidez. Quando afirmar que agem sem atentar para a opinião alheia, não observará em seguida que têm uma consciência verdadeiramente terrificante. Quando descrever a disciplina de robôs do seu exército, não se deterá a seguir sobre a maneira como os soldados tomam os freios nos dentes, chegando inclusive à insubordinação. Quando se referir a um povo que se devota apaixonadamente à cultura ocidental, não se expandirá sobre o seu ardoroso conservadorismo. Quando escrever um livro sobre uma nação onde vigora um culto popular de esteticismo, que confere honrarias a atores e artistas, esbanjando arte no cultivo de crisântemos, tal obra não terá de ser completada por uma outra, dedicada ao culto da espada e à ascendência máxima do guerreiro.

Todas essas contradições constituem-se, todavia, na própria tessitura dos livros sobre o Japão. São verdadeiras. Tanto a espada como o crisântemo fazem parte do quadro geral. Os japoneses são, no mais alto grau, agressivos e amáveis, militaristas e estetas, insolentes e corteses, rígidos e maleáveis, submissos e rancorosos, leais e traiçoeiros, valentes e tímidos, conservadores e abertos aos novos costumes. Preocupam-se muito com o que os

outros possam pensar de sua conduta, sendo também acometidos de sentimento de culpa quando os demais nada sabem do seu deslize. Seus soldados são disciplinados ao extremo, porém, são igualmente insubordinados.

Quando se tornou extremamente importante para a América compreender o Japão, essas contradições e muitas outras igualmente clamorosas não puderam ser postas de lado. As crises se sucediam diante de nós. O que fariam os japoneses? Seria possível capitulação sem invasão? Deveríamos bombardear o Palácio do Imperador? O que poderíamos esperar dos prisioneiros de guerra japoneses? O que poderíamos dizer em nossa propaganda para os soldados japoneses e sua pátria que pudesse salvar as vidas de americanos e abater a intenção japonesa de lutar até o último homem? Verificaram-se violentos desencontros entre os que melhor conheciam os japoneses. Quando viesse a paz, seriam eles um povo que precisasse de uma lei marcial perpétua para mantê-los em ordem? Teria nosso exército de se preparar para travar desesperados combates em cada reduto das montanhas do Japão? Teria de haver uma revolução no Japão do gênero da Francesa ou da Russa, antes que fosse possível a paz internacional? Quem a comandaria? A alternativa estaria na erradicação dos japoneses? Faria uma diferença enorme quais fossem nossos julgamentos.

Em junho de 1944, recebi o encargo de estudar o Japão. Pediram-me que utilizasse todas as técnicas que pudesse, como antropóloga cultural, a fim de decifrar como seriam os japoneses. No início daquele verão, nossa grande ofensiva contra o Japão começava a se revelar na sua verdadeira magnitude. Muita gente nos Estados Unidos ainda dizia que a guerra com o Japão duraria mais três anos, ou talvez dez. No Japão, falava-se numa centena de anos. Os americanos, dizia-se entre os japoneses, tinham tido vitórias locais, mas a Nova Guiné e as Ilhas de Salomão ficavam a milhares de quilômetros de suas ilhas natais. Seus comunicados oficiais dificilmente reconheciam derrotas navais e o povo japonês ainda se considerava como vitorioso.

Em junho, entretanto, a situação começou a mudar. Abriu-se uma segunda frente na Europa e a prioridade militar que o Alto Comando concedera ao teatro europeu durante dois anos e meio tinha sido resgatada. O fim da

guerra contra a Alemanha estava próximo. No Pacífico, nossas forças desembarcaram em Saipan numa grande operação, prevendo a derrota final japonesa. Dali por diante, nossos soldados iriam enfrentar o exército japonês em pontos cada vez mais próximos. E sabíamos perfeitamente, a exemplo dos combates em Nova Guiné, Guadalcanal, Burma, Attu, Tarawa e Biak, que enfrentávamos um adversário formidável.

Em junho de 1944, tratava-se, portanto, de responder a uma multidão de perguntas sobre o nosso inimigo, o Japão. Quer o assunto fosse militar ou diplomático, quer fosse suscitado por questões de alta política ou de volantes a serem lançados detrás das linhas de frente japonesas, todos os dados eram importantes. Na guerra total em que se empenhava o Japão, tínhamos de saber não apenas os objetivos e os motivos dos que se achavam no poder em Tóquio, não apenas a longa história do Japão, não apenas as estatísticas econômicas e militares; tínhamos de saber com o que o seu governo poderia contar da parte do povo. Teríamos de tentar compreender os hábitos japoneses de pensamento e emoção e os padrões em que se enquadravam tais hábitos. Teríamos de conhecer as sanções por trás desses atos e opiniões. Teríamos de pôr momentaneamente de lado as premissas sobre as quais baseávamos nossas ações como americanos e abstermo-nos o mais possível de chegar à fácil conclusão de que, ante uma determinada situação, reagiríamos do mesmo modo que eles.

Minha missão era difícil. A América e o Japão estavam em guerra e a tendência em tal circunstância é condenar indiscriminadamente, sendo, portanto, ainda mais difícil descobrir como o inimigo encara a vida. No entanto, não me restava outra alternativa./Urgia saber como os japoneses se comportariam e não como nos comportaríamos se estivéssemos em seu lugar. Procuraria utilizar a conduta japonesa na guerra como uma base para compreendê-los, e não como uma tendência. Teria de observar a maneira como conduziam a guerra, e considerá-la, por ora, não como um problema militar, e sim como um problema cultural./Na guerra, como na paz, os japoneses revelavam-se ao agir. Que indicadores de sua maneira de viver e de pensar deixariam transparecer através da maneira de guerrear? Os métodos de seus

comandantes de aticar o espírito guerreiro, de reanimar os desmorteados, de empregar os soldados em campanha — tudo isso demonstrava o que eles próprios consideravam como os pontos fortes de que se poderiam valer. Cumpria-me acompanhar os pormenores da guerra e verificar como os japoneses revelavam-se a cada instante.

O fato de nossos dois países estarem em guerra suscitava, inevitavelmente, uma séria desvantagem. Simplesmente teria eu de abrir mão da mais importante técnica do antropólogo cultural: o trabalho de campo. Não poderia ir ao Japão, viver nos seus lares e testemunhar as tensões e esforços da vida diária, ver com os meus olhos o que era crucial e o que não era. Não poderia segui-los no complicado processo de chegar a uma decisão. Não poderia ver seus filhos sendo educados. A única pesquisa de campo antropológica, realizada numa aldeia japonesa — *Suye Mura*, de John Embree — era valiosíssima, porém muitas das questões acerca do Japão, com que nos defrontávamos em 1944, não tinham sido propostas quando aquele estudo fora preparado.

Como antropóloga cultural, a despeito dessas grandes dificuldades, confiava em certas técnicas e postulados que poderiam ser usados. Pelo menos não estaria obrigada a abster-me da confiança do antropólogo no contato face a face com o povo que se está estudando. Havia numerosos japoneses neste país que haviam sido criados no Japão e eu poderia interrogá-los sobre os fatos concretos de suas experiências, descobrir como eles se avaliavam, preenchendo, graças às suas descrições, muitas lacunas em nosso conhecimento, o que me parecia essencial, como antropóloga, para a compreensão de qualquer cultura. Outros cientistas sociais, que estudavam o Japão, estavam utilizando bibliotecas, analisando ocorrências passadas ou estatísticas, acompanhando a marcha dos acontecimentos através da palavra escrita ou falada da propaganda japonesa. Parecia-me, no entanto, que muitas das respostas que procuravam estavam contidas nas normas e nos valores da cultura japonesa e que poderiam ser mais satisfatoriamente encontradas, explorando essa cultura mediante pessoas que a tivessem vivido realmente.

Isto não significa que eu não tivesse realizado leituras, ou mesmo, que não devesse muito aos ocidentais

que viveram no Japão. A extensa literatura sobre os japoneses e o grande número de atentos observadores ocidentais que viveram no Japão proporcionaram-me uma vantagem não possuída pelo antropólogo que se dirige às cabeceiras do Amazonas ou às serranias da Nova Guiné, a fim de estudar uma tribo iletrada. Sem possuir linguagem escrita, estas tribos não puderam confiar auto-revelações ao papel. Os comentários de ocidentais são poucos e superficiais. Ninguém conhece sua história passada. O trabalhador de campo precisará descobrir, sem qualquer auxílio de estudos precedentes, como funciona sua vida econômica, como se estratifica a sua sociedade, o que é predominante na sua vida religiosa. Ao estudar o Japão, fui a herdeira de muitos estudiosos. Descrições de pequenos detalhes de vida encontravam-se em meio a anotações de antiquários. Homens e mulheres da Europa e da América haviam registrado suas experiências vividas e os próprios japoneses escreveram auto-revelações realmente extraordinárias. Ao contrário de muitos povos orientais, manifestam um grande impulso de se expressarem através da escrita. Escreveram sobre os fatos triviais de suas vidas, como também a respeito de seus programas de expansão mundial. Mostraram-se espantosamente francos. Está claro que não apresentaram o quadro completo. Nenhum povo o faz. Um japonês que escreve sobre o Japão deixa passar coisas verdadeiramente cruciais que lhe são tão familiares e invisíveis quanto o ar que respira. O mesmo sucede com os americanos, quando escrevem sobre a América. Ainda assim, porém, os japoneses amam a auto-revelação.

Li esta literatura como Darwin diz que leu, quando se achava elaborando suas teorias acerca da origem das espécies, tomando nota daquilo que não tinha meios de compreender. O que precisaria eu saber a fim de entender a justaposição de idéias num discurso no Congresso? O que haveria por trás de sua violenta condenação de algum ato que parecesse escusável e a sua fácil aceitação de outro que parecesse ultrajante? Li, formulando-me sempre a seguinte questão: O que “está errado com este quadro”? O que precisaria eu saber, a fim de compreendê-lo?

Assisti também a filmes que haviam sido escritos e produzidos no Japão — filmes de propaganda, filmes

históricos e filmes sobre a vida contemporânea em Tóquio e nas aldeias. Comentei-os posteriormente com japoneses que haviam visto alguns desses filmes no Japão e que, pelo menos, viam o herói, a heroína e o vilão como os japoneses o viam e não como eu os via. Quando eu me desorientava, era claro que o mesmo não acontecia com eles. Os enredos, as motivações não eram como eu os via; seu significado estava relacionado com a maneira como o filme fora construído. Quanto às novelas, havia muito mais diferença do que poderia parecer entre o que significavam para mim e o que significavam para os educados no Japão. Alguns desses japoneses rapidamente acorriam em defesa das convenções japonesas, enquanto outros odiavam tudo o que fosse japonês. É difícil dizer de qual dos dois grupos aprendi mais. No quadro íntimo que forneceram de como se levava a vida no Japão houve consonância, quer o aceitassem prazerosamente, quer o rejeitassem com amargor.

Tão só recorra o antropólogo ao povo da cultura que esteja estudando, à cata de seu material e de seus vestígios, estará procedendo de forma idêntica aos mais capazes observadores ocidentais que viveram no Japão. Se isto era tudo o que um antropólogo tinha a oferecer, então pouco poderia acrescentar aos valiosos estudos do Japão feitos por habitantes estrangeiros. O antropólogo cultural, entretanto, dispõe de certas habilitações, resultantes de sua formação, que o motivam a acrescentar a sua própria contribuição num campo rico em estudiosos e observadores.

—O antropólogo conhece muitas culturas da Ásia e do Pacífico. Há muitas disposições sociais e hábitos de vida no Japão com correspondentes próximos nas tribos primitivas das ilhas do Pacífico. Alguns destes correspondentes encontram-se na Malásia, outros na Nova Guiné, outros na Polinésia. Evidentemente, é interessante verificar se isto será indício de antigas migrações ou contatos, mas este problema de possível relação histórica não constituiu a razão por que o conhecimento dessas similaridades culturais foi valioso para mim. Foi útil conhecê-las porque eu sabia como essas instituições funcionavam nessas culturas mais simples, e, dessa forma, pude obter indicações da vida japonesa através da semelhança ou diferença que encontrava. Conhecia também algo sobre o

Sião, a Birmânia e a China no continente asiático, e pude, portanto, comparar o Japão com outras nações que fazem parte da sua grande herança cultural. Os antropólogos demonstraram de sobejo nos seus estudos de povos primitivos quão valiosas podem ser essas comparações culturais. Uma tribo poderá compartilhar noventa por cento de seus hábitos formais com as suas vizinhas e, no entanto, tê-los readaptado, de molde a que se ajustem a um modo de vida e um conjunto de valores que não seja compartilhado com povo algum circunvizinho. Durante esse processo talvez tenha de rejeitar algumas disposições fundamentais que, embora pequenas em proporção ao todo, mudam seu curso de desenvolvimento futuro em uma direção específica. Nada é mais proveitoso para o antropólogo do que estudar os contrastes que descobre entre povos que, de um modo geral, compartilham de muitas características.

Os antropólogos também tiveram de se acostumar com as diferenças máximas entre sua própria cultura e uma outra, e as suas técnicas precisaram ser aperfeiçoadas para enfrentar particularmente este problema. Sabem por experiência própria que existem grandes diferenças nas situações que homens de diferentes culturas têm de enfrentar e na maneira pela qual diferentes tribos e nações definem os significados dessas situações. Em alguma aldeia do Ártico ou em um deserto tropical desapareceram com disposições tribais de responsabilidade de parentesco ou permuta financeira que seriam incapazes de supor nos seus momentos de mais fértil imaginação. Tiveram de investigar, não apenas os detalhes de parentesco ou permuta, mas também as conseqüências de tais disposições na conduta da tribo e de que modo cada geração foi condicionada, desde a infância, a conduzir-se como os seus ancestrais o haviam feito antes deles.

Esta preocupação profissional com diferenças, seu condicionamento e suas conseqüências, bem poderia ser empregada no estudo do Japão. Ninguém desconhece as diferenças culturais profundamente enraizadas entre os Estados Unidos e o Japão. Corre mesmo entre nós uma tradição popular afirmando que tudo o que fazemos, eles fazem o contrário. Tal convicção de diferença é perigosa apenas se um estudioso contentar-se em dizer simplesmente que essas diferenças são tão fantásticas a ponto

de ser impossível compreender esse povo. O antropólogo dispõe de boa prova em sua experiência de que até mesmo a conduta estranha não nos impede de compreendê-la. Mais do que qualquer outro cientista social, ele tem-se utilizado das diferenças mais como uma base do que como uma tendência. Nada o levou a dirigir tanto a atenção para instituições e povos senão o fato de serem eles fenomenalmente estranhos. Nada havia que ele pudesse tomar como seguro no modo de vida de sua tribo, sendo levado a examinar tudo e não apenas alguns fatos selecionados. No estudo de países ocidentais, o leigo em estudos de culturas comparadas deixa passar setores inteiros de conduta. Toma por garantido tanta coisa, que não chega a explorar a gama de hábitos triviais na vida diária, nem as consagradas opiniões sobre assuntos caseiros que, colocados no panorama nacional, têm mais a ver com o futuro do país do que os tratados assinados por diplomatas.

O antropólogo viu-se obrigado a aperfeiçoar técnicas para o estudo do lugar-comum, já que os lugares-comuns na tribo que estudava diferiam em muito das réplicas dos mesmos, existentes em sua pátria. Quando tentou compreender a malignidade de uma tribo ou a pusilanimidade de outra, quando tentou planejar a maneira como agiria e se sentiria numa determinada situação, verificou que teria de se valer abundantemente de observações e detalhes que não se revelam amiúde com relação a países civilizados. Tinha boas razões para acreditar que fossem essenciais e sabia do tipo de pesquisa que iria desencavá-los.

Valia a pena tentar no caso do Japão. Pois, somente quando se percebem os lugares-comuns intensamente humanos da existência de qualquer povo é que se pode avaliar a extrema importância da premissa do antropólogo de que a conduta humana é *descoberta* na vida diária, seja numa tribo primitiva ou numa nação na vanguarda da civilização. Por mais estranho que seja seu ato ou opinião, a maneira como um homem se sente ou pensa tem alguma relação com a sua experiência. Quanto mais me desconcertei ante determinada conduta, tanto mais presumi que existisse em algum setor da vida japonesa algum condicionamento comum de tal es-



tranheza. Se a pesquisa me levasse a detalhes triviais da comunicação diária, tanto melhor. É aí que se aprende.

/ Como antropóloga cultural, parti igualmente da premissa de que os aspectos mais isolados de conduta têm entre si alguma relação sistemática. Estudei seriamente a maneira como centenas de pormenores inscrevem-se em padrões globais. Uma sociedade humana precisa preparar para si mesma um projeto de vida, aprovando modos determinados de enfrentar situações, modos determinados de mensurá-las. Os componentes dessa sociedade consideram essas soluções como as bases do universo. | Integram-nas, por maiores que sejam as dificuldades. / Aqueles que aceitaram um sistema de valores, através do qual vivem, não podem conservar por muito tempo um setor segregado de suas vidas, onde vivam e procedam de acordo com um conjunto contrário de valores, a menos que se exponham à ineficiência e ao caos. Procuram instilar-se de maior conformismo. Investem-se de algumas motivações e de algum fundamento lógico que lhes sejam comuns. Alguma consistência é necessária, do contrário o empreendimento todo vai por água abaixo. |

/ Conduta econômica, disposições familiares, ritos religiosos e objetivos políticos engrenam-se, portanto, entre si. Numa área podem ocorrer mudanças mais rapidamente do que em outras, submetendo estas outras áreas a uma grande tensão, que surge da própria necessidade de consistência. Em sociedades pré-alfabetizadas, empenhadas na aquisição de poder sobre as demais, o desejo de poder é expresso nas suas práticas religiosas, não menos do que nas suas transações econômicas e nas suas relações com outras tribos. Em nações civilizadas, que possuem textos de antigas escrituras, a Igreja necessariamente conserva as frases de séculos passados, o que não ocorre com as tribos sem linguagem escrita, mas abdica da sua autoridade nos setores em que poderia intervir, com a crescente aprovação pública ao poder econômico e político. As palavras permanecem, mas o significado é alterado. Os dogmas religiosos, as práticas econômicas e a política não se mantêm represados em pequenos reservatórios estanques, porém transbordam sobre suas supostas fronteiras, misturando inevitavelmente suas águas, umas com as outras. Sendo isto sempre verdadeiro, quanto mais um estudioso estiver aparentemente

dispersando sua investigação entre os fatos da economia, do sexo, da religião e do cuidado do bebê, tanto melhor poderá observar o que está acontecendo na sociedade que estuda. Poderá formular suas hipóteses e obter seus dados em qualquer setor da vida com vantagem. Poderá aprender a divisar as exigências que qualquer nação fizer, quer sejam elaboradas em termos políticos, econômicos ou morais, como expressões de hábitos e maneiras de pensar aprendidas na sua experiência social. Este não é, portanto, um livro especificamente sobre religião, vida econômica, política ou família japonesas. Estuda, isto sim, enfoques japoneses acerca da condução da vida. Descreve tais enfoques à medida que se manifestaram, em qualquer atividade que seja. Seu assunto é o que faz do Japão uma nação de japoneses.

/ Uma das desvantagens do século XX é que ainda temos as noções mais vagas e bitoladas, não apenas daquilo que faz do Japão uma nação de japoneses, como do que faz os Estados Unidos uma nação de americanos, a França uma nação de franceses, e a Rússia uma nação de russos. Carecendo deste conhecimento, cada país compreende mal o outro. Tememos diferenças irreconciliáveis quando o problema é apenas entre Tweedledum e Tweedledee e falamos em objetivos comuns, quando uma nação, em virtude de toda a sua experiência e sistema de valores, visa a um curso de ação inteiramente diverso do que tínhamos em mente. Não nos damos uma oportunidade de descobrir quais sejam seus hábitos e valores. Se assim fizéssemos, haveríamos de perceber que o curso de uma ação não é necessariamente falho só por não ser aquele que conhecemos.

Não é possível depender inteiramente do que cada nação diz de seus próprios hábitos de pensamento e ação. Os escritores de todas as nações tentaram fornecer uma descrição de si próprios. Todavia, não é fácil. As lentes através das quais uma nação olha a vida não são as mesmas que uma outra usa. É difícil ser consciente com os olhos através dos quais olhamos. Qualquer país os toma como certos e os truques de focalização e perspectiva, que conferem a cada povo sua visão nacional da vida, apresentam-se a esse povo como a dádiva divina de ordenação de uma paisagem. Em questão de óculos, não esperamos que aqueles que os usam conheçam a fórmula

das lentes, daí tampouco podermos esperar que as nações analisem suas próprias perspectivas do mundo. Quando queremos saber a respeito de óculos, formamos um oculista e esperamos que esteja habilitado a escrever a fórmula para qualquer lente que lhe tragamos. Algum dia, sem dúvida, reconheceremos ser esta a tarefa do cientista social, com relação às nações do mundo moderno.

A tarefa requer tanto uma certa firmeza, quanto uma certa generosidade. Requer uma firmeza que as pessoas de boa vontade têm por vezes condenado. Tais propugnadores de Um Só Mundo empenharam suas esperanças em convencer os povos de todos os cantos da terra de que todas as diferenças entre Oriente e Ocidente, preto e branco, cristãos e maometanos, são superficiais e que toda a humanidade é realmente de mentalidade semelhante. Este ponto de vista é às vezes conhecido como fraternidade humana. Não vejo por que o crédito na fraternidade humana deva significar que não possamos dizer que os japoneses possuem uma versão própria de conduta de vida assim como os americanos a sua. Às vezes, parece que aos brandos não é possível fundar uma doutrina de boa vontade, senão sobre um mundo de povos cada um dos quais constituindo uma cópia do mesmo negativo. Porém, exigir como condição uma tal uniformidade, com respeito a uma outra nação, é tão neurótico quanto exigi-lo da própria esposa ou dos próprios filhos. Os firmes compenetraram-se de que essas diferenças devem existir. Respeitam-nas. Sua finalidade é um mundo assegurado para as diferenças, onde os Estados Unidos possam ser inteiramente americanos sem ameaçar a paz do mundo, a França possa ser a França e o Japão possa ser o Japão nessas mesmas condições. Impedir o amadurecimento de quaisquer dessas atitudes com relação à vida, através de interferência externa, parece injustificado a qualquer estudioso que não esteja convencido de que as diferenças tenham necessariamente de ser uma espada de Dâmocles pendendo sobre o mundo. Não precisa tampouco temer que adotando uma tal posição esteja contribuindo para congelar o mundo no *status quo*. Estimular as diferenças culturais não produziria um mundo estático. A Inglaterra não perdeu sua anglicidade devido ao Período de Elizabeth ter sido sucedido pelo Período da Rainha Ana e a Era Vitoriana. Justamente pelo fato de os ingleses tanto

procurarem ser eles mesmos é que diferentes padrões e diferentes estados de ânimo nacionais puderam se afirmar em diferentes gerações.

O estudo sistemático de diferenças nacionais exige uma certa generosidade como também uma certa firmeza. O estudo de religiões comparadas somente floresceu quando os homens estiveram tão seguros de suas convicções, a ponto de se mostrarem excepcionalmente generosos. Poderiam ser jesuítas, sábios árabes ou infiéis, mas nunca fanáticos. O estudo de culturas comparadas não pode igualmente florescer quando os homens se mostram tão defensivos quanto ao seu modo de vida, a ponto de que este lhes pareça ser por definição a única solução no mundo. Tais homens jamais conhecerão o acréscimo de amor pela própria cultura advindo do conhecimento de outros modos de vida. Privam-se de uma experiência agradável e enriquecedora. Sendo tão defensivos, não têm outra alternativa senão exigir que outras nações adotem suas próprias soluções particulares. Como americanos, impõem nossos princípios favoritos a todas as nações. E as outras nações tanto podem adotar nossos modos de vida exigidos, quanto poderíamos aprender a fazer nossos cálculos na unidade 12, ao invés de 10, ou, apoiarmo-nos só num pé, como certos nativos da África Oriental.

Este livro diz respeito, pois, aos hábitos esperados e tidos como consagrados no Japão. Diz respeito a situações em que todo japonês pode contar com cortesia e a situações em que não pode, trata de quando sente vergonha, quando sente embaraço, procura observar o que ele exige de si próprio. A autoridade ideal para qualquer afirmativa deste livro seria o proverbial homem da rua. Seria um qualquer. Isto não significa que este um qualquer teria sido colocado pessoalmente em cada circunstância particular. Não significa também que qualquer um reconheceria ser assim sob tais condições. O objetivo de um estudo como este é descrever atitudes profundamente impregnadas de pensamento e conduta. Mesmo não o atingindo, este foi, todavia, o seu ideal.

Num estudo desse tipo, alcança-se rapidamente o ponto onde o testemunho de grande número de informantes adicionais não mais proporciona validação. A questão de quem se curva para quem e quando não

necessita de um estudo estatístico de todo o Japão; as circunstâncias aprovadas e costumeiras podem ser assinaladas quase que por qualquer um e após umas poucas confirmações não é necessário obter a mesma informação de um milhão de japoneses.

| O estudioso que está tentando desvendar os enfoques sobre os quais o Japão ergue o seu modo de vida tem uma tarefa bem mais difícil do que a validação estatística. A grande exigência que lhe é feita consiste em relatar como essas práticas e julgamentos aceitos tornam-se as lentes através das quais o japonês contempla a existência. Tem de expor a maneira como os seus enfoques afetam a perspectiva através da qual vêm a vida. Tem de tentar tornar isto inteligível a americanos que vêm a existência sob um prisma muito diferente. Nesta tarefa de análise, a autoridade requisitada não será necessariamente Tanaka San, o japonês "qualquer". Isto porque Tanaka San não explicita seus enfoques, e as interpretações escritas para os americanos lhe parecerão, sem dúvida, excessivamente alongadas. |

| Os estudos americanos de sociedades não têm sido amiúde elaborados de maneira a estudar as premissas sobre as quais se construíram as culturas civilizadas. A maioria dos estudos pressupõe que tais premissas sejam evidentes por si mesmas. | Sociólogos e psicólogos preocupam-se com a "disseminação" da opinião e da conduta, usando uma técnica básica, estatisticamente concebida. Submetem à análise estatística grande quantidade de material censitário, grande número de respostas a questionários ou a perguntas de entrevistadores, medições psicológicas e semelhantes, procurando inferir a independência ou interdependência de certos fatores. | No campo da opinião pública, a valiosa técnica de pesquisar o país, utilizando uma amostra cientificamente selecionada da população, tem sido altamente aperfeiçoada nos Estados Unidos. É possível descobrir quantas pessoas apóiam ou se opõem a determinado candidato a cargo público ou a determinada política. | Os partidários e os adversários podem ser classificados como rurais ou urbanos, de rendimentos baixos ou elevados, republicanos ou democratas. Num país com sufrágio universal, onde as leis são realmente redigidas e estabelecidas pelos representantes do povo, tais dados têm importância prática.

| Os americanos são capazes de pesquisar americanos e interpretar os dados, graças a uma medida prévia tão óbvia que ninguém chega a mencioná-la: conhecem a conduta de vida nos Estados Unidos e tomam-na por base. | Os resultados da pesquisa dizem mais, a respeito do que já sabemos. | Ao procurar compreender outro país, é essencial o estudo qualitativo sistemático dos hábitos e convicções do seu povo, para que uma pesquisa possa realmente apresentar contribuições. Mediante cuidadosa amostragem, uma pesquisa pode revelar quantos são a favor ou contra o governo. | Mas que nos revelará isto a respeito deles, a menos que saibamos quais sejam suas idéias a respeito do Estado? Somente assim podemos saber o que disputam as facções, nas ruas ou no Congresso. As convicções de uma nação com relação ao governo são de importância muito mais geral e permanente do que as cifras da força partidária. Nos Estados Unidos, o Governo, para republicanos e democratas, é quase um mal necessário, limitando a liberdade individual; o emprego público igualmente, exceto talvez em tempo de guerra, pois não oferece a um homem a situação alcançada num outro posto equivalente, em uma empresa privada. Esta versão do Estado está bem longe da japonesa, e mesmo da de muitos países europeus. | O que precisamos saber antes de tudo, sem dúvida, é a sua versão. O seu ponto de vista está corporificado em seus costumes, em seus comentários acerca de homens vitoriosos, em seus mitos a respeito da sua história nacional, em seus discursos nas festividades nacionais e pode, desta forma, ser estudado através dessas manifestações indiretas. Exige, porém, um estudo sistemático. /

As convicções básicas que cada nação tem sobre a vida, assim como as soluções que ela aprovou, podem ser estudadas com tanta atenção e particularidade quanto a que atribuímos à descoberta de qual proporção da população votará sim e não numa eleição. O Japão era um país cujos enfoques fundamentais bem mereciam ser explorados. | Cheguei à conclusão de que, uma vez tendo eu verificado onde meus enfoques ocidentais não se enquadravam na sua visão da existência, obtendo assim alguma idéia das categorias e símbolos por eles utilizados, muitas contradições que os ocidentais acostumaram-se a ver na conduta japonesa deixaram de ser contradições. Comecei a ver como os próprios japoneses divisavam

certas oscilações violentas de conduta, enquanto partes integrantes de um sistema consistente em si mesmo. Posso tentar mostrar o porquê. A medida que eu trabalhava com eles, começavam a usar frases e idéias estranhas que revelaram possuir grandes implicações e estarem repletas de emoções seculares. A virtude e o vício, segundo os compreende o Ocidente, haviam passado por uma transformação. O sistema era singular. Não era budismo, nem confucionismo. Era japonês — a força e a fraqueza do Japão. |

## 2. OS JAPONESES NA GUERRA

!Em toda tradição cultural existem ortodoxias da guerra, algumas das quais compartilhadas por todos os países ocidentais, não importando quais as diferenças específicas.!Certos alardes, conclamando para um esforço total de guerra, certas formas de reestímulo, em caso de derrotas locais, certas regularidades na proporção entre baixas e rendições e certas regras de conduta com relação a prisioneiros de guerra são previsíveis nas guerras entre nações ocidentais apenas por terem estas em comum uma grande tradição cultural, que abrange até mesmo as operações militares.

Todas as maneiras pelas quais os japoneses afastavam-se das convenções ocidentais de guerra constituíam



dados relativos à sua visão da existência e às suas convicções do dever integral do homem. Dentro dos propósitos de um estudo sistemático da cultura e conduta japonesas, não importa se os seus desvios de nossas ortodoxias seriam ou não cruciais em sentido militar; qualquer um deles poderia ser importante por suscitar indagações acerca do caráter dos japoneses, cujas respostas necessitávamos.

As próprias premissas utilizadas pelo Japão para justificar sua participação na guerra eram opostas às da América. Esta definia a situação internacional de maneira diversa. A América fez guerra às agressões do Eixo. O Japão, a Itália e a Alemanha tinham consumado uma afronta à paz internacional com os seus atos de conquista. Quer tomando o poder em Manchukuo, na Etiópia ou na Polônia, o Eixo somente comprovou ter participado de um empreendimento reprovável, oprimindo povos mais fracos. Pecara contra o código internacional do “vive e deixa viver” ou pelo menos contra o das “portas abertas” à livre empresa. O Japão via a causa da guerra sob outra luz. Enquanto cada nação tivesse soberania absoluta, haveria anarquia no mundo; era necessário que ele lutasse a fim de se estabelecer uma hierarquia, que, obviamente, a ele se subordinasse, uma vez que era o único representante de uma nação verdadeiramente hierárquica de cima a baixo, compreendendo portanto a necessidade de ocupar “o seu devido lugar”. Tendo alcançado unificação e paz em seu território, esmagado o banditismo, construído estradas, consolidado o potencial elétrico e indústria de aço, além de ter educado 99,5% da sua geração em ascensão nas escolas públicas, segundo as cifras oficiais, teria, pois, o dever, de acordo com as premissas japonesas de hierarquia, de despertar sua retrógrada irmã, a China. Sendo da mesma raça do Poderoso Oriente, deveria eliminar daquela parte do mundo os Estados Unidos e em seguida a Inglaterra e a Rússia, assumindo, então, “o seu devido lugar”. Todas as nações seriam um mundo só, firmados numa hierarquia internacional. No próximo capítulo examinaremos o que significou para a cultura japonesa este alto valor atribuído à hierarquia. Era bem típico do Japão criar tal fantasia. Infelizmente para ele, os países que ocupava não o enxergavam sob essa mesma luz. Entretanto, nem mesmo a derrota extraiu-lhe o re-

púdio moral de seus ideais do Poderoso Oriente e mesmo os seus prisioneiros de guerra menos jingoístas nunca estiveram a ponto de pôr em dúvida os propósitos do Japão quanto ao continente e sudoeste do Pacífico. Por muito e muito tempo, o Japão conservará necessariamente algumas de suas atitudes inatas, das quais uma das mais importantes é a sua fé e confiança na hierarquia. Isto contraria a natureza dos americanos voltada para a igualdade, contudo, é amplamente necessário que compreendamos o que significava para o Japão a hierarquia e que proveitos aprendera a associar-lhe.

Da mesma forma, ele depositava suas esperanças de vitória em base diversa da prevalecente para os Estados Unidos. Haveria de vencer, proclamava, seria uma vitória do espírito sobre a matéria. A América era grande, seus armamentos eram superiores, mas o que importava? Tudo isso, alegavam, fora previsto e descontado. "Se tivéssemos medo de cifras", liam os japoneses no seu grande jornal, o *Mainichi Shimbun*, "a guerra não teria principiado. Os grandes recursos do inimigo não foram criados por esta guerra".

Mesmo quando estava vencendo, os seus estadistas civis, o seu Alto Comando e os seus soldados repetiam que aquilo não se tratava de uma competição entre armamentos; era a oposição da nossa fé nas coisas contra a fé dos outros no espírito. Quando vencíamos, repetiam sem cessar que numa tal luta o poder material deveria necessariamente fracassar. Este dogma tornou-se, sem dúvida, um alibi conveniente na época das derrotas de Saipan e Iwo Jima, mas não havia sido preparado com tal finalidade. Valeu como um toque de clarim durante os meses das vitórias japonesas e constituiu um *slogan* aceito muito antes de Pearl Harbor. Nos anos 30, o General Araki, militarista fanático e certa época Ministro da Guerra, escreveu num panfleto dirigido "A toda a raça japonesa" que "a verdadeira missão" do Japão fora "expandir e glorificar a via imperial até o fim dos Quatro Mares. Insuficiência de força não constitui preocupação para nós. Por que nos preocuparmos com o que é material?"

É claro que, como qualquer nação que se prepara para a guerra, eles se mostravam preocupados. Por toda a década de 30, a proporção de sua renda nacional dedicada aos armamentos cresceu astronomicamente. Na

época do seu ataque a Pearl Harbor, quase a metade da renda nacional bruta destinava-se a finalidades militares e navais, e somente 17% da despesa total do governo eram disponíveis para financiar o que se relacionasse com a administração civil. A diferença entre o Japão e as nações ocidentais não consistia na despreocupação japonesa sobre o armamento material. Navios e armas, no entanto, constituíam simplesmente a manifestação exterior do imortal Espírito Japonês. Eram símbolos, tanto quanto a espada dos samurais fora o símbolo da sua virtude.

Tão coerente era o Japão em aproveitar-se de recursos não materiais, quanto os Estados Unidos em dedicar-se à grandeza. O Japão tinha de empenhar-se numa campanha de produção total, do mesmo modo que os Estados Unidos, só que baseado em premissas próprias. O espírito, diziam os japoneses, era tudo, era eterno; as coisas materiais eram necessárias, bem entendido, mas secundárias e perdiam-se pelo caminho. "Há limites para os recursos materiais", exclamava o rádio japonês: "é evidente que as coisas materiais não podem durar mil anos". E esta confiança no espírito era observada literalmente na rotina beligerante; seus catecismos de guerra utilizavam o *slogan* tradicional, cuja criação não visou à operacionalidade nesta guerra — "contrapor o nosso treinamento ao número deles, nossa carne ao seu aço". Os manuais de guerra começavam com uma linha em negrito: "Leia isto e a guerra está ganha". Seus pilotos que guiavam seus minúsculos aviões para um choque suicida contra nossas belonaves ofereciam tema inesgotável para a superioridade do espiritual sobre o material. Era denominados o Corpo dos Kamikazes, pois *kamikaze* era o vento divino que salvara o Japão da invasão de Gêngis Cã, no século XIII, dispersando e derrubando os seus transportes.

Até mesmo em situações civis, as autoridades japonesas encaravam literalmente a predominância do espírito sobre as circunstâncias materiais. Estava o povo fatigado com doze horas de trabalho nas fábricas e por bombardeios a noite inteira? "Quanto mais abatidos os nossos corpos, mais alto pairam a nossa vontade e o nosso ânimo sobre eles." "Quanto mais cansados estamos, mais esplêndido é o treinamento." O povo estava sentindo frio nos abrigos antiaéreos, durante o inverno? A Sociedade

de Cultura Física Dai Nippon prescrevia exercícios calistênicos que seriam não apenas substitutos das instalações de aquecimento e acomodações para dormir, como também, melhor ainda, tomariam lugar do alimento, não mais disponível, para manter o vigor normal das pessoas. "Não há dúvida, dizem alguns, que com a atual escassez de alimentos não podemos pensar em exercícios calistênicos. Nada disso! Quanto maior a escassez de alimentos, tanto mais devemos aumentar nossa força física por outros meios." Isto é, devemos aumentar nossa força física despendendo-a ainda mais. A idéia americana de energia corporal que sempre leva em conta quanta força se tem para despendê-la, com oito ou cinco horas de sono na noite anterior, fazendo regularmente as refeições, sentindo ou não frio, é aqui posta em confronto com um cálculo que não se baseia na armazenagem de energia, o que seria materialista.

Durante a guerra, as transmissões japonesas foram ainda mais longe. Em meio à batalha, o espírito chegava mesmo a sobrepujar a própria morte. Um heróico piloto e a sua prodigiosa vitória sobre a morte foram focalizados num programa:

Terminados os combates aéreos, os aviões japoneses regressaram à sua base em pequenas formações de três ou quatro. Num dos primeiros aparelhos, achava-se um capitão. Apeando-se, examinou o céu por meio de binóculo. Enquanto seus homens retornavam, ele contava. Parecia bastante pálido, porém, muito firme. Após o regresso do último avião, dirigiu-se ao Quartel General, onde fez um relatório encaminhando-o a seguir ao Oficial Comandante. Logo em seguida, porém, tombou de súbito ao solo. Os oficiais no local acorreram-lhe em auxílio, mas ele se achava morto. Examinando-lhe o corpo, descobriu-se que já estava frio, com um ferimento à bala, de consequências fatais. É impossível encontrar-se frio o corpo de uma pessoa recentemente morta. Entretanto, o corpo do capitão morto estava frio como gelo. Há muito que ele estava morto, fora o seu espírito que fizera o relatório. Um fato tão miraculoso deve-se sem dúvida ao rigoroso senso de responsabilidade do capitão morto.

Para os americanos, é claro, trata-se de uma história inadmissível, no entanto, os japoneses instruídos não se riram de tal transmissão. Estavam certos de que não seria considerada uma fantasia pelos ouvintes no Japão. Em primeiro lugar, assinalaram que o locutor verazmente havia declarado que a proeza do capitão era "miraculosa". E por que não? A alma podia ser treinada e obviamente o

capitão era um mestre consumado da autodisciplina. Se “um espírito apaziguado podia durar mil anos”, conforme o Japão inteiro sabia, não haveria então de permanecer por algumas horas no corpo de um capitão da força aérea, que fizera da “responsabilidade” a lei central de toda a sua existência? Os japoneses acreditavam na possibilidade de se utilizar disciplinas técnicas a fim de permitir a um homem alcançar a supremacia do espírito. O capitão aprendera e beneficiara-se.

Como americanos, podemos, sem dúvida, arrolar tais excessos japoneses como alibi de uma pobre nação ou puerilidades de uma nação iludida. Se o fizéssemos, no entanto, estaríamos ainda menos qualificados a tratar com eles na guerra ou na paz. Os japoneses tiveram seus princípios induzidos através de certos tabus e recusas, certos métodos de treinamento e disciplinas que não se constituíam em meras singularidades isoladas. Somente na medida em que os identificarmos, é que poderemos perceber o que dizem na derrota, quando reconhecem que o espírito não foi suficiente e que defender posições “com lanças de bambu” foi uma fantasia. Torna-se ainda mais importante para nós que sejamos capazes de apreciar o reconhecimento por parte deles de que o seu espírito foi insuficiente, ao competir nos campos de batalha e nas fábricas com o espírito do povo americano. Conforme declararam após a derrota: durante a guerra, “engajaram-se na subjetividade”.

A maneira pela qual os japoneses referiram a toda sorte de coisas durante a guerra, não apenas sobre a necessidade de hierarquia e a supremacia do espírito, foi elucidativa para um estudioso de culturas comparadas. Referiam-se constantemente a segurança e moral como sendo apenas uma questão de estar prevenido. Não importava qual fosse a catástrofe, bombardeio civil, derrota em Saipan ou fracasso em defender as Filipinas, o refrão japonês repetia ao seu povo que isto já era sabido de antemão e que portanto não havia por que se preocupar. O rádio chegava aos maiores extremos, contando obviamente com a renovação de confiança que proporcionava ao povo japonês ao ser informado de que viviam ainda num mundo perfeitamente conhecido. “A ocupação americana de Kiska coloca o Japão dentro do raio de ação dos bombardeiros americanos. Estamos,

porém, a par desta contingência e efetuamos os preparativos necessários.” “O inimigo desencadeará sem dúvida contra nós uma ofensiva, através de operações combinadas de terra, mar e ar, mas isto está previsto em nossos planos.” Os prisioneiros de guerra, até mesmo aqueles que ansiavam por uma próxima derrota do Japão numa guerra sem esperanças, estavam certos de que os bombardeios não enfraqueceriam os japoneses na frente doméstica “porque eles estavam prevenidos”. Quando os americanos começaram a bombardear as cidades japonesas, o Vice-Presidente da Associação de Construção Aérea declarou pelo rádio: “Os aviões inimigos finalmente estão sobre nossas cabeças. Entretanto, nós que estamos envolvidos na indústria de produção aeronáutica e que sempre esperamos que isto acontecesse, ultimamos completos preparativos para enfrentar esta situação. Portanto, não há por que se preocupar”. Somente com a garantia de que tudo estava previsto, tudo estava planejado, é que os japoneses poderiam persistir na alegação que lhes era tão necessária de que tudo fora produto da determinação de sua vontade, ninguém predominara sobre eles. “Não devemos pensar que tenhamos sido passivamente atacados, mas sim que ativamente atraímos o inimigo para nós.” “Inimigo, venha se quiser. Ao invés de dizer ‘O que tinha que vir finalmente veio’, afirmaremos antes ‘Veio aquilo por que esperávamos. Por isso, estamos satisfeitos’.” O Ministro da Marinha citou no Parlamento os ensinamentos do grande guerreiro dos anos 70 do século passado, Takamori Saigo: “Existem duas espécies de oportunidades: as que se nos deparam por acaso e as que criamos. Em época de grandes dificuldades, não devemos deixar de criar a nossa oportunidade”. E o General Yamashito, quando as tropas americanas entraram em Manila, “observou com um largo sorriso”, segundo informes do rádio, “que agora o inimigo está em nosso seio . . .” “A rápida queda de Manila, logo após os desembarques inimigos na baía de Lingayen, somente foi possível como resultado das táticas do General Yamashito e em concordância com os seus planos. As operações do General Yamashito realizam, no momento, progressos contínuos.” Em outras palavras, nada é tão bem sucedido quanto a derrota.

Os americanos avançaram tanto na direção oposta quanto os japoneses na sua. Os americanos lançaram-se

no esforço de guerra *porque* esta luta nos foi imposta. Tínhamos sido atacados, portanto o inimigo que se cuide. Nenhum porta-voz, ao pretender estimular o povo americano, jamais disse de Pearl Harbor ou de Bataan, "Faziam parte dos nossos planos". Ao invés, nossos oficiais declararam: "O inimigo assim quis. Haveremos de mostrar-lhes o quanto podemos". Os americanos engrenam toda a sua vida para um mundo continuamente desafiador — e estão preparados para enfrentar o desafio. Os estímulos japoneses baseiam-se mais num modo de vida planejado e registrado de antemão, onde a maior ameaça provém do imprevisto.

Outro tema constante na maneira japonesa de conduzir a guerra mostra-se bastante revelador acerca da vida japonesa. Falavam continuamente de como "os olhos do mundo estavam sobre eles". Portanto cabia-lhes exhibir completamente o espírito do Japão. Os americanos desembarcaram em Guadalcanal, e as ordens japonesas aos soldados foram de que agora eles se encontravam sob observação direta "do mundo" e deveriam mostrar qual era o seu estofo. Os marujos japoneses eram avisados de que, no caso de serem torpedeados e receberem ordem de abandonar o navio, deveriam ocupar os barcos salva-vidas com o máximo de compostura, caso contrário "o mundo rirá de vocês. Os americanos os filmarão e serão vistos em New York". Valia muito o que dessem de si para o mundo. E a sua preocupação a tal respeito igualmente encontrava-se profundamente embutida na cultura japonesa.

A mais famosa pergunta acerca das atitudes japonesas referia-se a Sua Majestade Imperial, o Imperador. Qual era o domínio que o Imperador tinha sobre os seus súditos? Algumas autoridades americanas assinalavam que durante todos os sete séculos feudais do Japão o Imperador fora uma sombria figura de proa. Cada homem devia sua imediata lealdade ao seu senhor, o *daimio* e, além desde, ao Generalíssimo Militar, o Xógum. A fidelidade ao Imperador não chegava a constituir um assunto. Era mantido segregado numa corte isolada, cujas cerimônias e atividades os regulamentos do Xógum rigorosamente limitavam. Era considerado traição até mesmo para um grande senhor feudal prestar suas homenagens ao Imperador, e para o povo do Japão ele mal existia. Somente através de sua história é que o Japão

poderia ser entendido, insistiam esses analistas americanos; como um Imperador trazido da obscuridade, conforme estava na memória de gente ainda viva, haveria de ser o verdadeiro foco de uma nação conservadora como o Japão? Os publicistas japoneses que sempre reafirmaram o imorredouro poder do Imperador sobre os seus súditos estavam se excedendo, alegavam eles, e a sua insistência apenas comprovava a fragilidade do seu caso. Não havia razão, portanto, para que a política americana durante a guerra recorresse às luvas de pelica no trato com o Imperador. Pelo contrário, havia todos os motivos para que dirigíssemos nossos mais fortes ataques contra esse maligno conceito de Fuehrer que o Japão recentemente maquinara. Isso constituía o próprio centro de sua moderna religião nacionalista Shinto e, se solapássemos e desafiássemos a santidade do Imperador, toda a estrutura do Japão inimigo tombaria em ruínas.

Muitos americanos competentes que conheciam o Japão e que viram os informes das linhas de frente e de fontes japonesas eram de opinião oposta. Os que viveram no Japão sabiam bem que nada feria mais os japoneses e lhes fustigava a moral do que qualquer palavra depreciativa contra o Imperador ou qualquer ataque direto a ele. Não acreditavam que, atacando o Imperador, aos olhos dos japoneses visássemos ao militarismo. Haviam observado que a reverência para com o Imperador fora igualmente forte naqueles anos após a Primeira Guerra Mundial, quando “de-mok-ra-sie” era a grande divisa e o militarismo estava tão desacreditado que os homens do exército punham-se prudentemente à paisana antes de saírem pelas ruas de Tóquio. A reverência dos japoneses pelo seu chefe imperial não podia ser comparada, insistiam os habitantes mais antigos, com a veneração do gênero Heil Hitler, que constituía um barômetro dos destinos do partido nazista e inseparável de todos os males de um programa fascista.

As declarações dos prisioneiros de guerra japoneses os corroborava. Ao contrário dos soldados ocidentais, esses prisioneiros não haviam recebido instruções quanto ao que dizer e o que calar em caso de captura e as suas respostas em todos os assuntos eram surpreendentemente desorganizadas. O fato de não serem doutrinados devia-se, é claro, à política de não-rendição do Japão. Isto só foi remediado nos últimos meses de guerra, e mesmo assim



somente em determinados exércitos ou unidades locais. As declarações dos prisioneiros mereciam atenção pois representavam um corte transversal da opinião no exército japonês. Não se tratava de soldados cujo moral baixo os levara à rendição — e que portanto poderiam ser atípicos. Quase todos achavam-se feridos e incapazes de resistir quando capturados.

Os prisioneiros de guerra japoneses mostraram-se bastante intransigentes e atribuíam seu militarismo extremo ao Imperador, estavam “cumprindo a sua vontade”, “despreocupando sua mente”, “morrendo por ordem do Imperador”. “O Imperador conduziu o povo à guerra e meu dever era obedecer.” Mas aqueles que condenavam a presente guerra e os futuros planos japoneses de conquista imputavam com regularidade suas opiniões pacíficas como sendo as do próprio Imperador. Para todos ele era tudo. Os fastos da guerra referiam-se a ele como “sua pacífica majestade”, frisando que “sempre fora liberal e contrário à guerra”. “Ele havia sido enganado por Tojo”. “Durante o Incidente da Manchúria, ele demonstrou ser contrário aos militares.” “A guerra teve início sem o conhecimento ou a permissão do Imperador. O Imperador não gosta de guerra e não teria permitido que o seu povo nela fosse arrastado. Ele não sabe o quanto seus soldados são maltratados.” Tais declarações não se assemelhavam às de prisioneiros de guerra alemães que, conquanto alegassem ter sido Hitler traído por seus generais, ou por seu alto comando, atribuíam-lhe no entanto o papel de máximo instigador da guerra e seus preparativos. O prisioneiro de guerra japonês explicitamente separava a Família Imperial do militarismo e das agressivas políticas de guerra.

Entretanto, para eles o Imperador era inseparável do Japão. “Um Japão sem o Imperador não é Japão.” “O Japão sem o Imperador não pode ser imaginado.” “O Imperador japonês é o símbolo do povo japonês, o centro de sua vida religiosa. É um objeto super-religioso.” Nem tampouco seria culpado pela derrota, se o Japão perdesse a guerra. “O povo não considera o Imperador responsável pela guerra.” “Em caso de derrota, o ministério e os líderes militares é que levariam a culpa, e não o Imperador.” “Mesmo se o Japão perdesse a guerra, dez entre dez japoneses ainda reverenciariam o Imperador.”

Toda essa unanimidade em colocar o Imperador acima de qualquer crítica parecia postiza aos americanos, acostumados a não poupar homem algum de um exame frio e de uma crítica. Mas não havia dúvida de que se tratava da voz do Japão, mesmo na derrota. Os mais experimentados no interrogatório de prisioneiros deram como veredicto ser desnecessário anotar em cada folha de entrevista: "Recusa-se a falar contra o Imperador"; todos os prisioneiros se recusavam, até mesmo os que cooperavam com os aliados e faziam transmissões para nós, dirigidas aos soldados japoneses. Da reunião de todas as entrevistas de prisioneiros de guerra, apenas três eram, ainda assim, levemente contrárias ao Imperador, limitando-se a dizer: "Seria um erro deixar o Imperador no trono". Uma outra afirmava que o Imperador era "um fraco, não passando de um fantoche". E a terceira não foi além da suposição de que o Imperador poderia abdicar em favor de seu filho e que se a monarquia fosse abolida, as jovens japonesas esperavam conseguir uma liberdade que até então invejavam nas mulheres da América.

Os comandantes japoneses, portanto, apelavam para a quase unânime veneração japonesa, quando distribuíam aos soldados cigarros "oferecidos pelo Imperador" ou quando os levavam, no aniversário deste, a se curvarem três vezes na direção do Oriente, gritando "Banzai"; o mesmo acontecia quando cantavam juntamente com todos os soldados, pela manhã e à noite, "embora a unidade estivesse sob bombardeio ininterrupto", as "palavras sagradas" que o próprio Imperador doara às forças armadas no Editto aos Soldados e Marinheiros, enquanto "o som do cântico ecoava através da floresta". Os militaristas utilizavam de todas as maneiras o recurso da lealdade ao Imperador. Exortavam seus homens a "satisfazer os desejos de Sua Majestade Imperial", a "dissipar todas as ansiedades do seu Imperador", a "demonstrar respeito por Sua benevolência Imperial", a "morrer pelo Imperador". Mas esta obediência à sua vontade podia ser uma faca de dois gumes. Como diziam muitos prisioneiros, os japoneses "lutarão sem hesitar, até mesmo com varas de bambu apenas, se o Imperador assim ordenar. Haveriam de se deter com igual presteza, se ele o mandasse"; "o Japão jogaria fora as armas amanhã, se o Imperador emitisse tal ordem"; "Até mesmo o exército de Kwantung, na Manchúria" — o mais

belicoso e jingoísta — “deporia suas armas”; “somente suas palavras podem fazer com que o povo japonês aceite a derrota e se conforme em viver para a reconstrução”.

Esta lealdade incondicional e irrestrita ao Imperador defrontava-se abertamente com a crítica de todas as outras pessoas e grupos. Criticava-se o governo e as autoridades militares, fosse nos jornais e revistas japoneses ou nas declarações de prisioneiros de guerra. Os prisioneiros de guerra não se inibiam em acusar os seus comandantes locais, especialmente os que não haviam partilhado os perigos e sofrimentos de seus soldados. Criticavam especialmente os que haviam sido retirados por avião, deixando atrás de si seus soldados combatendo. Geralmente elogiavam alguns oficiais e criticavam outros amargamente; não pareciam prescindir do intuito de discriminar o bom do mau, nas coisas japonesas. Até mesmo nas ilhas do país os jornais e as revistas criticavam “o governo”. Pediam mais liderança e maior coordenação de esforço e observavam não estar obtendo do governo o que era necessário. Chegavam a criticar as restrições à liberdade de palavra. Um relatório sobre uma reunião de editores, antigos membros do Parlamento, e diretores do partido totalitário do Japão, a Associação de Assistência ao Governo Imperial, publicado num jornal de Tóquio, em julho de 1944, constitui um bom exemplo. Disse um dos oradores: “Creio que há várias maneiras de despertar o povo japonês, o mais importante, porém, é a liberdade de palavra. Nos últimos anos, o povo não tem podido dizer francamente o que pensa. Temem ser incriminados se falarem sobre determinados assuntos. Hesitaram, tentaram salvar as aparências, o fato é que a opinião pública realmente intimidou-se. Jamais conseguiremos desenvolver totalmente o poder do povo desta forma”. Outro orador discorreu sobre o mesmo tema: “Venho organizando debates quase todas as noites com o povo dos distritos eleitorais e interroguei-os acerca de muitas coisas, mas todos tiveram medo de falar. A liberdade de palavra lhes tem sido negada. Certamente, esse não é um modo adequado de estimular sua vontade de lutar. O povo está tão fortemente cerceado pela chamada Lei Penal Especial de Guerra e pela Lei de Segurança Nacional que se tornou tão amedrontado como a gente do período feudal. Por conseguinte, o valor combativo que se poderia ter desenvolvido permanece atualmente atrofiado”.

Mesmo durante a guerra, os japoneses criticavam o governo, o Alto Comando e os seus superiores imediatos. Não reconheciam de forma incondicional as virtudes de toda a hierarquia. Mas o Imperador era isentado. Como poderia ser assim, já que a sua preeminência era tão recente? Que nuance do caráter japonês possibilitou-lhe o alcance de uma posição tão sacrossanta? Estariam certos os prisioneiros de guerra ao declararem que, assim como o povo lutaria até a morte "com lanças de bambu" enquanto ele assim o ordenasse, aceitariam eles pacificamente a derrota e a ocupação se este fosse o seu comando? Pretenderiam desorientar-nos com este contrassenso? Ou se trataria, possivelmente, da verdade?

Todas essas questões cruciais acerca da conduta japonesa na guerra, desde sua predisposição anti-materialista às suas atitudes com relação ao Imperador, diziam respeito tanto à pátria japonesa quanto às frentes de batalha. Havia outras atitudes mais especificamente relacionadas com o exército japonês. Uma destas prendia-se à possibilidade de sacrifício de suas forças de combate. O rádio japonês salientou bem o contraste com as atitudes americanas, quando descreveu com acentuada incredulidade a condecoração naval do Almirante George S. McCain, comandante de uma força-tarefa ao largo de Formosa.

A razão oficial da condecoração não foi por ter o comandante John S. McCain sido capaz de pôr os japoneses em fuga, embora não compreendamos por que, já que o comunicado de Nimitz assim o revelou . . . Pois bem, a razão da condecoração do almirante McCain foi por ter ele conseguido salvar dois navios de guerra americanos, escoltando-os a salvo até a sua base. O que torna importante este trecho de informação é que não se trata de ficção e sim da verdade . . . Não estamos, portanto, discutindo a veracidade do fato de o almirante McCain ter salvo dois navios, o que desejamos que notem é que o salvamento de dois navios avariados é motivo para condecoração nos Estados Unidos.

Os americanos emocionam-se com toda espécie de salvamento, com todo auxílio prestado aos que se acham apertados contra a parede. Uma proeza valorosa é tanto mais heróica se salvar os "avariados". A bravura japonesa repudia tal salvamento. Até mesmo os dispositivos de segurança instalados nos nossos B-29 e caças mereceram a pecha de "covardia". A imprensa e o rádio repisaram continuamente o assunto. Somente havia virtude na acei-

tação de riscos mortais; as precauções eram desprezíveis. Esta atitude manifestava-se também no caso dos feridos e dos pacientes da malária. Esses soldados eram bens avariados e os serviços médicos disponíveis eram de completa ineficiência até mesmo para um eficaz desempenho das forças de combate. Com o correr do tempo, dificuldades de abastecimento de toda a espécie agravaram esta falta de atendimento médico, mas esta ainda não era a história toda. O menosprezo japonês pelo materialismo desempenhava aí um papel; ensinavam aos soldados que a morte constituía uma vitória do espírito e o nosso tipo de cuidado para com os doentes era uma interferência no heroísmo — como os dispositivos de segurança nos bombardeiros. Na vida civil os japoneses também não estão tão habituados quanto os americanos a recorrerem tanto a médicos e cirurgiões. A tendência à compaixão pelos prejudicados, muito mais que outras medidas beneficentes, é particularmente acentuada nos Estados Unidos, sendo amiúde observada até mesmo por visitantes de alguns países europeus em tempo de paz. Tudo isso é, sem dúvida, estranho aos japoneses. Acontecesse o que fosse durante a guerra, o exército japonês não dispunha de equipes de salvamento para a remoção dos feridos em combate e para fornecer os primeiros socorros; não tinha corpo médico na linha de frente, na retaguarda ou mesmo hospitais de recuperação mais afastados. Seu cuidado com relação às provisões médicas era lamentável. Em determinadas emergências, os hospitalizados eram sumariamente mortos. Especialmente na Nova Guiné e nas Filipinas, frequentemente os japoneses tinham de recuar de uma posição onde havia um hospital. Não existia um projeto de retirada dos doentes e feridos, enquanto houvesse oportunidade; somente se fazia alguma coisa quando efetivamente se realizasse uma “retirada planejada” do batalhão ou uma ocupação inimiga. Nessas circunstâncias, o oficial médico de serviço costumava eliminar os internados do hospital antes de retirar-se, ou então eles próprios se suicidavam com granadas de mão.

Se esta atitude dos japoneses com relação a bens avariados era fundamental no tratamento de seus compatriotas, revelava-se igualmente importante no seu tratamento dos prisioneiros de guerra americanos. Segundo

nossos critérios, os japoneses eram culpados de atrocidades tanto contra seus próprios homens, quanto contra seus prisioneiros. O antigo chefe dos oficiais-médicos das Filipinas, Coronel Harold W. Glattly, após seus três anos de reclusão como prisioneiro de guerra em Formosa, declarou que “os prisioneiros americanos recebiam melhor tratamento médico do que os soldados japoneses. Os oficiais médicos aliados nos campos de prisioneiros atendiam os seus homens, enquanto os japoneses não dispunham de médicos. Durante certo tempo, o seu único pessoal médico era constituído por um cabo e posteriormente por um sargento”. Somente uma ou duas vezes por ano é que ele viu um oficial-médico japonês.\*

O maior extremo a que poderia ser levada esta teoria japonesa da possibilidade de sacrifício de suas forças era a sua política de não-rendição. Todo exército ocidental que lutou o melhor que pôde e encontra-se diante de perspectivas desesperadas rende-se ao inimigo. Consideram-se ainda seus contingentes dignos soldados, e mediante acordo internacional seus nomes são enviados aos países de origem, para que as famílias saibam que estão vivos. Não se tornam desacreditados como soldados, cidadãos, ou mesmo no seio de suas famílias. Os japoneses, porém, definiam de maneira diferente a situação. A honra ligava-se à luta até a morte. Numa situação desesperada, um soldado japonês deveria matar-se com a sua derradeira granada de mão, ou atacar desarmado o inimigo, numa avançada suicida em massa. Não deveria, porém, render-se. Mesmo se fosse aprisionado ferido e inconsciente, nunca mais “poderia andar de cabeça erguida no Japão”, estava desonrado, “morto” para a sua antiga vida.

É óbvio que havia ordens militares nesse sentido, entretanto, pelo menos manifestamente, não houve necessidade de doutrinação oficial especial na frente de combate. O exército obedecia de tal modo a este código que na campanha do Norte da Birmânia a proporção dos capturados para os mortos foi de 142 para 17.166, representando uma proporção de 1:120. E dos 142 em campos de prisioneiros, com exceção de uma pequena minoria, todos encontravam-se feridos ou inconscientes quando capturados; somente muito poucos haviam “capitulado” sozinhos ou em grupos de dois ou três. Nos

\* Noticiado no *Washington Post*, de 15 de outubro de 1945.

exércitos das nações ocidentais constitui quase um truísmo não poderem as tropas suportar a morte de um quarto a um terço do seu contingente sem render-se; as rendições ocorrem cerca de 4:1. Entretanto, quando pela primeira vez em Hollandia rendia-se um número apreciável de soldados japoneses, a proporção era de 1:5, o que constituía um considerável aumento com relação a 1:120 do Norte da Birmânia.

Para os japoneses, portanto, os americanos que se haviam tornado prisioneiros de guerra estavam desonrados pelo simples fato da rendição. Constituíam “bens danificados”, mesmo quando os ferimentos, a malária ou a disenteria não os haviam colocado fora da categoria de “homens completos”. Muitos americanos notaram como era perigoso o riso americano no campo de prisioneiros, como melindrava os guardas. Aos olhos dos japoneses, eles haviam sofrido ignomínia, sendo penoso para os mesmos que os americanos o ignorassem. Igualmente, muitas das ordens que os prisioneiros americanos tinham de obedecer eram as que também haviam sido exigidas de seus guardas japoneses por parte de seus oficiais; as marchas forçadas e os transbordos apinhados eram comuns para eles. Referem também os americanos de como as sentinelas exigiam rigorosamente que os prisioneiros encobrissem infrações do regulamento: o grande crime era infringir abertamente. Nos campos em que os prisioneiros trabalhavam durante o dia fora, em estradas ou instalações, o regulamento de que não poderiam trazer consigo nenhum alimento do campo era às vezes letra morta — se as frutas e os vegetais fossem escondidos. Se estivessem à vista, constituía um evidente delito, no sentido de que os americanos haviam desrespeitado a autoridade da sentinela. O desafio aberto da autoridade acarretava terrível punição, ainda que se tratasse de um mero “retrucar”. Mesmo na vida civil, os regulamentos japoneses são muito severos com respeito aos que viessem a retrucar ordens; nesses casos, as suas praxes militares puniam duramente. Não constitui exoneração das atrocidades e crueldades arbitrárias as distinções ocorridas, nos campos de prisioneiros, entre estes atos e aqueles que eram conseqüências de hábitos culturais.

Especialmente nas fases iniciais do conflito, a vergonha da captura era reforçada por uma convicção muito

comum entre os japoneses de que o inimigo torturava e matava todos os prisioneiros. O boato de que haviam passado tanques por cima dos corpos dos aprisionados em Guadalcanal espalhou-se por quase todas as zonas. Do mesmo modo, alguns japoneses que tentavam entregar-se, eram encarados com tanta reserva por parte de nossos soldados a ponto de serem mortos como precaução, o que freqüentemente justificava as suspeitas japonesas. Um japonês, para quem nada mais restava senão a morte, freqüentemente orgulhava-se de levar consigo um inimigo ao morrer; poderia fazer isso mesmo depois de capturado. Decididos, conforme expressou um deles, "a serem queimados no altar da vitória, seria uma desonra morrer sem consumir um feito heróico". Tais possibilidades punham de sobreaviso nosso exército e diminuíam o número de rendições.

A vergonha da rendição ardia profundamente na consciência dos japoneses. Aceitavam tranqüilamente uma conduta estranha às nossas convenções de guerra. As nossas lhes eram do mesmo modo estranhas. Referiam-se com indignado desprezo aos prisioneiros de guerra americanos que *pediam* fossem seus nomes levados ao seu governo, a fim de que suas famílias soubessem que estavam vivos. A soldadesca, pelo menos, achava-se inteiramente desprevenida para a rendição das tropas americanas em Bataan, pois supunham que eles iriam resistir à maneira japonesa. Não conseguiam aceitar o fato de que os americanos não tivessem vergonha de serem prisioneiros de guerra.

A mais melodramática diferença de conduta entre soldados ocidentais e japoneses foi sem dúvida a cooperação dada aos aliados por estes últimos como prisioneiros de guerra. Eles desconheciam quaisquer regras de vida aplicáveis nesta nova situação; achavam-se desonrados e sua vida como japoneses findara. Somente nos últimos meses de guerra é que mais do que um punhado deles imaginou um retorno à pátria, não importando como terminasse a guerra. Alguns pediram para ser mortos, "mas, como os costumes de vocês não permitem isto, serei um prisioneiro modelo". Eles foram mais do que prisioneiros modelos. Veteranos militares, por muito tempo nacionalistas extremados, localizaram depósitos secretos de munições, revelaram



minuciosamente a distribuição das forças japonesas, redigiram nossa propaganda e voaram junto com os nossos pilotos bombardeiros, a fim de guiá-los para alvos militares. Era como se houvessem virado uma nova página: o que estava escrito na nova página era o oposto do que constava na antiga, mesmo assim, as linhas eram proferidas com a mesma fidelidade.

Não é esta, evidentemente, a descrição de todos os prisioneiros de guerra. Havia alguns poucos irreconciliáveis. De qualquer modo, era necessário estabelecerem-se determinadas condições favoráveis, antes que tal conduta fosse possível. Compreensivelmente, os comandantes militares americanos mostraram-se hesitantes em aceitar nominalmente o auxílio japonês, havendo campos em que não se encetava nenhuma tentativa de utilizar quaisquer serviços que eles pudessem oferecer. Nos campos em que assim sucedia, entretanto, a suspeita primitiva teve de ser retirada e uma dependência cada vez mais acentuada foi conferida à boa fé dos prisioneiros japoneses.

Os americanos não haviam esperado esta reviravolta por parte dos prisioneiros de guerra. Não estava de acordo com os nossos preceitos. Mas, os japoneses procediam como se, depois de dar tudo de si e falhar na linha de conduta assumida, enveredassem naturalmente por uma outra. Seria um modo de agir com o qual poderíamos contar nos dias de pós-guerra ou seria uma conduta peculiar a soldados que haviam sido capturados individualmente? A exemplo das demais peculiaridades da conduta japonesa que se nos impuseram durante a guerra, surgiram indagações a respeito de toda a maneira de viver a que eles estavam condicionados, o modo pelo qual funcionavam suas instituições, além dos hábitos de pensamento e ação que haviam aprendido.

## 5. DEVEDOR DOS SÉCULOS E DO MUNDO

Na língua inglesa, costumávamos falar acerca de sermos "herdeiros dos séculos". Duas guerras e uma grande crise econômica diminuíram de algum modo a autoconfiança antes pressagiada, contudo, fato é que essas vicissitudes não aumentaram certamente nosso sentido de dívida para com o passado. Os países orientais viram a moeda do outro lado: são devedores dos séculos. O que os ocidentais denominam de culto dos ancestrais não é na maior parte um culto nem é de todo dirigido aos ancestrais; é antes um reconhecimento em ritual do grande débito do homem em relação a tudo o que se passou antes. Aliás, tem débito não apenas para com o passado; cada contato cotidiano com outras pessoas aumenta o seu débito para com o presente, do qual devem

emanar suas decisões e ações diárias. É o ponto de partida fundamental. Devido a que os ocidentais tão pouco atentam para o seu débito para com o mundo e o que este lhe deu sob a forma de cuidados, educação, bem-estar, ou mesmo pelo simples fato de terem nascido, os japoneses julgam inadequadas as nossas motivações. Os homens virtuosos não declaram, como fazem os dos Estados Unidos, que nada devem a ninguém. Não desprezam o passado. A probidade no Japão repousa sobre o reconhecimento do próprio lugar dentro da grande rede de mútuo débito, abarcando tanto os antepassados quanto os contemporâneos.

É simples pôr em palavras este contraste entre o Oriente e o Ocidente, porém é difícil avaliar a diferença que faz no viver. Até que compreendamos isto no Japão, não seremos capazes de perscrutar quer o supremo auto-sacrifício com que nos familiarizamos tanto durante a guerra, quer as súbitas animosidades que acometem os japoneses em situações que não julgamos propícias a tanto. A situação de devedor pode tornar um homem extremamente suscetível e os japoneses o comprovam. Igualmente lhes confere grandes responsabilidades.

Tanto os chineses quanto os japoneses têm muitas palavras com o significado de "obrigações". Elas não são sinônimas, e os seus sentidos específicos não têm tradução literal em inglês porque as idéias que expressam nos são estranhas. A palavra que corresponde a "obrigações", cobrindo desde o maior até o menor débito de uma pessoa, é *on*. Na acepção japonesa, traduz-se para o inglês por uma série de palavras, de "obrigações" e "lealdade" até "bondade" e "amor", entretanto estas palavras deturpam-lhe o significado. Se quisesse mesmo dizer amor ou mesmo obrigação, os japoneses sem dúvida empregariam *on* com os seus filhos, no entanto este é um emprego impossível para a palavra. Não tem tampouco o sentido de lealdade, expressado por outras palavras japonesas, de modo algum sinônimas de *on*. Em todos os seus empregos *on* é carga, débito, ônus que se carrega o melhor que seja possível. Recebe-se *on* de um superior e o ato de aceitar o *on* de alguém que não seja de fato um superior ou igual ocasiona uma incômoda sensação de inferioridade. Quando eles dizem "Tenho um *on* com relação a ele", querem significar "tenho um monte de

obrigações para com ele” e chamam este credor, este benfeitor, o seu “homem do *on*”.

“Lembrar-se do seu *on*” poderá querer dizer um puro extravasamento de mútua devoção. Uma historieta de um manual de leitura do segundo ano primário, intitulada “Não esqueça o *on*”, usa a palavra neste sentido. É dirigida às criancinhas, em suas aulas de ética.

Hachi é um bonito cão. Ao nascer, foi adotado por um estranho e tratado como filho da casa. Por isso, até mesmo o seu corpo tornou-se saudável e quando o dono ia para o trabalho todas as manhãs, acompanhava-o (ao dono) ao ponto dos bondes e à tarde voltava lá para esperá-lo.

No devido tempo, o dono morreu. Hachi, sabendo disso ou não, continuou procurando pelo dono todos os dias. Dirigindo-se ao habitual ponto, olhava para ver se o dono encontrava-se em meio ao grupo de pessoas que descia, quando o bonde chegava.

Desta maneira, passaram-se dias e meses. Passou-se um ano, dois anos, três anos, mesmo passados dez anos, a envelhecida figura de Hachi era vista todos os dias no ponto dos bondes, à espera do dono.

A moral desta historieta é a fidelidade, que vem a ser apenas um outro nome para amor. Um filho que nutre profundo afeto por sua mãe pode dizer que não esquece o *on* que dela recebeu, significando que tem por ela a devoção sincera de Hachi por seu dono. O termo, contudo, refere-se especificamente não a este amor, e sim a tudo o que a mãe fez por ele quando bebê, os seus sacrifícios quando foi um menino, tudo o que ela fez para promover os seus interesses quando homem, tudo o que ele lhe deve pelo simples fato de que ela existe. Implica numa retribuição sobre tal débito, significando, portanto, amor. Mas o sentido primordial é de débito, ao passo que nós consideramos o amor como algo dado livremente, sem peias de obrigação.

*On* é sempre empregado neste sentido de devoção sem limites quando emana do principal e maior dos débitos, *on* imperial. É o débito para com o Imperador, que se deve aceitar com gratidão incomensurável. Seria impossível, acham eles, estar satisfeito com o próprio país, com a própria vida, com os próprios interesses grandes e pequenos, sem pensar também em aceitar tal privilégio. Em toda a história japonesa, esta personalidade a concentrar maior débito dos homens constituía o maior entre todos os superiores nos limites do horizonte. Em diferentes períodos havia sido o suserano, o lorde feudal e o

Xógum. Atualmente é o Imperador. Qual fosse o superior, não chegava a ser tão importante quanto a primazia secular do hábito japonês de “lembrar-se do *on*”. O Japão moderno utilizou todos os meios no sentido de concentrar este sentimento sobre o Imperador. Cada favoritismo que obtenham para o próprio modo de vida aumenta o *on* imperial de cada um. Cada cigarro distribuído ao Exército nas linhas de frente, em nome do Imperador, durante a guerra, sublinhava o *on* de cada soldado para com ele. Cada gole de saquê a eles repartido, antes da batalha, constituía mais um *on* imperial. Cada piloto *kamikaze* de avião suicida estava, diziam eles, retribuindo o seu *on* imperial. Todos os soldados que, segundo eles, morriam até o último homem defendendo alguma ilha do Pacífico estariam descarregando o seu ilimitado *on* para com o Imperador.

É igualmente possível dever-se *on* a alguém abaixo do Imperador. Está claro que existe o *on* que se recebe dos pais. Esta é a base do famoso devotamento filial oriental, que coloca os pais em posição de autoridade tão estratégica com relação aos filhos. É expresso nos termos do débito que os filhos têm para com eles e empenham-se em pagar. São os filhos, portanto, que devem porfiar pela obediência, ao contrário da Alemanha — lá também se verifica essa autoridade sobre os filhos — onde os pais têm de lutar muito para arrancar e impor esta obediência. Os japoneses são muito realistas na sua versão da devoção filial oriental, havendo entre eles um ditado acerca do *on* aceito dos pais que pode ser traduzido livremente assim: “Somente depois que se é pai é que se tem noção do débito contraído para com os próprios”. Isto é, o *on* dos pais consiste nos próprios cuidados e preocupações diárias de que são investidos os pais e as mães. A limitação japonesa do culto aos ancestrais, a antepassados recentes e lembrados, traz esta ênfase sobre a efetiva subordinação na infância muito avante nos seus pensamentos, considerando-se o truísmo bastante óbvio em qualquer cultura de que todo homem e toda mulher foi outrora um bebê indefeso que não teria sobrevivido sem o cuidado dos pais, e durante anos, até ser um adulto, foi provido de lar, alimentação e vestuário. Os japoneses sentem de forma preponderante que os americanos subestimam tudo isto e, como diz um escritor, “Nos Estados Unidos, lembrar o *on* aos pais é pouco mais do que ser bom para o pai e a mãe”.

Ninguém pode deixar *on* para os filhos, é claro, mas o devotamento pelos filhos constitui uma retribuição ao débito contraído para com os pais, quando se era indefeso. Efectua-se em parte o pagamento de *on* aos pais dando-se uma educação aos filhos tão boa ou melhor. As obrigações que se têm para com os filhos tão só se subordinam ao “*on* para com os pais”.

Existe um *on* especial que se tem para com o professor e o patrão (*nushi*). Ambos auxiliaram o progresso de cada um, sendo-lhe, portanto, devido o *on*, o que poderá acarretar no futuro a necessidade de aceder a algum pedido seu, quando se encontrarem em dificuldades ou dar preferência, talvez a algum dos seus jovens parentes, após a sua morte. Deve-se chegar a grandes extremos para pagar obrigações e o tempo não diminui a dívida. Com os anos ela aumenta ao invés de decrescer. Acresce-lhe uma espécie de força. Um *on* para com alguém é coisa séria, segundo mostra um costumeiro provérbio: “Nunca se salda um décimo milésimo de um *on*”. Constitui um pesado ônus e o “poder do *on*”, segundo se considera, situa-se acima das meras preferências pessoais.

O livre operar desta ética do débito depende de cada um ser capaz de considerar-se um grande devedor sem experimentar demasiada animosidade ao desempenhar-se das obrigações. Já vimos quão minuciosa é a disposição hierárquica organizada no Japão. Os hábitos de subordinação diligentemente continuados possibilitam os japoneses a acatarem seu débito moral a um ponto que não ocorreria a um ocidental. Isto se torna mais fácil se os superiores forem olhados como amigos. Há curiosa evidência em sua linguagem de que os superiores eram de facto tidos como sendo “afetuosos” para com os seus dependentes. *Ai* significa “amor” no Japão e foi esta palavra que pareceu aos missionários do século passado a única palavra japonesa possível de usar nas suas traduções do conceito cristão de “amor”. Utilizaram-na ao traduzirem a Bíblia no sentido do amor de Deus pelo homem e o amor do homem por Deus. Mas *ai* quer dizer especificamente o amor de um superior para com os seus dependentes. Um ocidental talvez pudesse achar que significasse “paternalismo”, mas no sentido japonês quer dizer mais do que isso. Era uma palavra que denotava afeição. No Japão moderno *ai* ainda é usado neste sentido rigoroso de amor de cima para baixo, mas, talvez devido em parte ao senti-

do cristão e, sem dúvida, como consequência de esforços oficiais para demolir as distinções de classe, poderá ser usado hoje em dia igualmente como amor entre iguais.

A despeito dos abrandamentos culturais, entretanto, constitui auspiciosa circunstância no Japão quando o *on* é “devido” sem desagrado. Não se gosta de assumir sem mais nem menos a dívida de gratidão envolvida pelo *on*. Sempre falam de “levar uma pessoa a dever um *on*” e no mais das vezes a tradução mais aproximada é “pre-valecer sobre outro”, embora nos Estados Unidos “pre-valecer” denote requerer alguma coisa de alguém, e no Japão a frase signifique dar-lhe algo ou fazer-lhe uma gentileza. Os favores ocasionais de semelhantes estranhos são os que mais causam ressentimentos, pois, com respeito aos vizinhos e às relações hierárquicas, há muito estabelecidas, já são sabidas e aceitas as complicações do *on*. Com simples conhecidos e entre os da mesma posição, verifica-se o agastamento. Seria preferível evitar-se o enredamento em todas as consequências do *on*. A passividade do público no Japão, quando há um acidente, não é apenas falta de iniciativa. É o reconhecimento de que qualquer interferência não-oficial levaria o recebedor a dever um *on*. Uma das leis mais conhecidas, de tempos anteriores à Era Meiji, era: “Ocorrendo uma briga ou discussão, não se deverá desnecessariamente intervir nela”, sendo que uma pessoa ao ajudar uma outra numa situação dessas no Japão, sem uma autorização expressa, é suspeita de estar assumindo uma indesculpável preponderância. O fato de que o recebedor ficará em grande débito para com ele não torna qualquer um ansioso por aproveitar-se de tal vantagem e sim muito relutante em ajudar. Especialmente em situações pouco formais é que os japoneses se mostram extremamente cautelosos quanto a se enredarem em *on*. Até mesmo o oferecimento de um cigarro, por parte de uma pessoa com quem antes não se tinham laços, provoca constrangimento e a maneira cortês de expressar agradecimento será: “Oh, este sentimento venenoso (*kino doku*)”. “Será mais fácil de tolerar”, disse-me um japonês, “se logo for demonstrado o incômodo experimentado, já que nunca se pensou em fazer algo por ele e, portanto, se está envergonhado de receber o *on*.” “*Kino doku*” é, assim por vezes traduzido por “Obrigado”, isto é, pelos cigarros, outras vezes por “Desculpe”, isto é, pelo débito, ou então por “Sinto-me como um pa-

tife", isto é, porque você obrigou-me a este ato de generosidade. Significa tudo isso pura e simplesmente.

Os japoneses têm muitos modos de dizer "Obrigado", os quais expressam este mesmo constrangimento em aceitar o *on*. O menos ambivalente, a frase adotada nas lojas das cidades modernas significa "Oh, esta coisa difícil" (*arigato*). Os japoneses geralmente esclarecem que "esta coisa difícil" é o grande e raro favor concedido à loja pelo freguês ao comprar. Constitui um cumprimento. É usado também quando se recebe um presente e em circunstâncias inumeráveis. Outras palavras igualmente comuns para "obrigado" relacionam-se como *kino doku* à relutância em receber. Os lojistas que dirigem os próprios estabelecimentos na maior parte das vezes dizem literalmente: "Oh, isto não acaba", (*sumimasen*), isto é, "Estou aceitando *on* do senhor e segundo os modernos ajustes econômicos jamais lhe poderei pagar. Lamento estar colocado numa posição dessas". *Sumimasen* traduz-se por "Obrigado", "Agradecido", ou "Desculpe-me", "Perdão". Usa-se esta palavra, de preferência a todos os outros obrigados, por exemplo, se alguém se precipita atrás do nosso chapéu, numa rua, em plena ventania. Ao ser ele restituído, a cortesia exige que confessemos nossa inquietação em aceitar. "Ele está me oferecendo um *on* e nunca o vi antes. Nunca tive a oportunidade de oferecer-lhe o primeiro *on*. Sinto-me culpado por causa disso, mas me sentirei melhor se pedir-lhe desculpas. *Sumimasen* é talvez a palavra mais comum para obrigado no Japão. Digo-lhe que reconheço ter aceito o *on* dele, e que este não termina com o ato de apanhar de volta o meu chapéu. Mas o que posso fazer? Somos desconhecidos."

A mesma atitude acerca de débito é expressa ainda mais acentuadamente, do ponto de vista japonês, por outra palavra para obrigado, *katajikanai*, escrita com o caráter "insulto", "humilhação". Tanto significa "Sinto-me insultado", quanto "Sinto-me grato". O dicionário japonês explica que com este termo se diz que pelo extraordinário favor recebido se sente envergonhado e insultado porque não se é digno do benefício. Nesta frase confessa-se expressamente a vergonha por aceitar o *on*, sendo a vergonha, *haji*, conforme veremos, uma coisa amargamente sentida no Japão. *Katajikenai*, "Sinto-me insultado", ainda é usada por lojistas conservadores ao agradecerem aos fregueses, e estes usam-na quando



solicitam a cobrança de suas compras. É palavra constantemente encontrada em romances anteriores à Era Meiji. Uma bonita moça de classe humilde, que serve na corte e é escolhida pelo senhor como sua amante, diz-lhe *Katajikenai*, isto é, “Sinto-me envergonhada de aceitar imerecidamente este *on*. Sinto-me atemorizada com a sua bondade”. Ou o samurai, numa rixa feudal, ao ser libertado pelas autoridades, diz *Katajikenai*: “Tanto me humilhei que aceito este *on*. Não me é adequado encontrar-me em posição tão modesta. Desculpem. Humildemente lhes agradeço”.

Essas frases atestam, melhor do que quaisquer generalizações, o “poder do *on*”. Ele é constantemente devido com ambivalência. Em relações estruturadas consagradas, o grande débito que ele envolve amiúde tão só leva o homem a adiantar em pagamento tudo que está dentro dele. Contudo, é penoso ser um devedor e as animosidades brotam facilmente. Quanto o fazem, está vividamente descrito na conhecida novela *Botchan*, de um dos mais famosos romancistas japoneses, Soseki Natsume. *Botchan*, o herói, é um rapaz de Tóquio que está lecionando pela primeira vez numa cidadezinha da província. Logo descobre que despreza a maior parte de seus colegas professores, evidencia-se o fato de que não se dá bem com eles. Afeiçoa-se, no entanto, a um jovem professor e, ao saírem juntos, aquele amigo recém-descoberto, a quem ele chama de Porco-espinho, oferece-lhe um copo de água gelada. Paga um sen e meio por ele, correspondente a um quinto de um centavo.

Pouco tempo depois, outro professor informa a *Botchan* que Porco-espinho falou mal dele. *Botchan* acredita no mexeriqueiro e de imediato passa a preocupar-se com o *on* que aceitou de Porco-espinho.

“Dever um *on* a um sujeito desses, ainda que por algo tão trivial como água gelada, atinge a minha honra. Um sen ou meio sen que seja, não morrerei em paz devendo este *on* . . . O fato de aceitar eu o *on* de alguém, sem protestar, constitui um ato de boa vontade, sinal de que o reputo um sujeito decente. Ao invés de insistir em pagar a minha água gelada, recebi o *on* e manifestei gratidão. Eis uma admissão que não pode ser comprada por dinheiro algum. Não possuo títulos, nem cargo oficial, mas sou independente, e levar alguém independente a aceitar o favor de um *on* representa muito mais do que se ele desse um milhão de ienes em retribuição. Deixei Porco-espinho esbanjar um sen e meio e dei-lhe meus agradecimentos, mais caros do que um milhão de ienes.”

No dia seguinte, ele joga um sen e meio sobre a mesa de Porco-espinho, pois somente depois de deixar de dever o *on* pelo copo de água gelada poderá ele começar a resolver a presente questão entre eles: a referência insultuosa que lhe referiram. Poderá daí resultar briga, mas o *on* terá de ser saldado primeiro, já que não ocorre mais entre amigos.

Tal suscetibilidade com relação a ninharias, tal penosa vulnerabilidade ocorrem em relatórios americanos sobre quadrilhas de adolescentes e anamneses de neuróticos. Trata-se, porém, de uma virtude japonesa. Bem poucos japoneses levariam a questão a esse extremo, acham eles, mas não há dúvida de que muitos são negligentes. Comentaristas japoneses, escrevendo acerca de Botchan, descrevem-no como “de temperamento exaltado, puro como cristal, um campeão do direito”. O próprio autor identifica-se com Botchan, tendo sido sempre o personagem reconhecido pelos críticos como um autorretrato. É uma narrativa sobre a alta virtude, pois a pessoa que aceita o *on* só poderá içar-se da posição de devedor considerando a sua gratidão do valor de “um milhão de ienes” e agindo nessa conformidade. Só poderá aceitá-lo da parte de “um sujeito decente”. Em meio à sua fúria, Botchan contrasta o seu *on* para com Porco-espinho com o *on* aceito há muito de sua velha ama. Tinha ela cega parcialidade por ele e achava que ninguém do resto da família lhe dava valor. Costumava trazer-lhe balas e lápis de cor às escondidas e certa vez deu-lhes três ienes. “Suas constantes atenções para comigo provocavam-me calafrios.” Mas embora se sentisse “insultado” com o oferecimento dos três ienes, aceitara-o como um empréstimo, que jamais pagara no transcurso dos anos subseqüentes. Mas isto, diz ele consigo mesmo, contrastando com o seu modo de sentir acerca do *on* para com Porco-espinho, era porque “*o considero parte de mim mesmo*”. Esta vem a ser a chave das reações japonesas com relação ao *on*. Podem ser contidas, sejam quais forem os confusos sentimentos, contanto que “o homem do *on*” seja de fato a própria criatura; ele está preso ao “meu” esquema hierárquico ou está fazendo alguma coisa em cuja prática me posso imaginar, como, por exemplo, restituir-me o chapéu num dia de ventania ou, então, trata-se de uma pessoa que me admira. Uma vez destruídas essas identificações, o *on* constitui uma

ferida supurada. Por mais insignificante a dívida contraída, a virtude consiste em ressentir-se dela.

Todo japonês sabe que se se torna o *on* demasiado pesado sob quaisquer circunstâncias, defrontar-se-á com dificuldades. No "Departamento de consultas" de uma moderna revista, encontra-se um bom exemplo disto. A seção é uma espécie de "Conselhos aos enamorados desprezados", fazendo parte do *Tokyo Psychoanalytic Journal*. O conselho pouco tem de freudiano, mas é bem japonês. Um homem idoso escreveu solicitando conselho:

Sou pai de três meninos e uma menina. Minha esposa faleceu há dezesseis anos. Com pena de meus filhos, não casei de novo, e eles consideram tal fato uma virtude minha. Agora meus filhos estão todos casados. Há oito anos, quando meu filho casou-se, recolhi-me a uma casa, a alguns quarteirões de distância. É embaraçoso declarar, mas durante três anos venho mantendo um caso com uma garota no escuro (prostituta contratada de uma casa de tolerância). Ela falou-me de sua situação e tive pena dela. Comprei-lhe a liberdade por uma pequena soma, trouxe-a para a minha casa, ensinei-lhe boas maneiras e conservei-a como empregada. O seu senso de responsabilidade é grande, além de ser notavelmente econômica. Entretanto, meus filhos e nora e minha filha e genro desprezam-me por isso e tratam-me como um estranho. Não os culpo, o erro é meu.

Os pais da garota não pareceram entender a situação e, já que ela está em idade de casar, escreveram, querendo-a de volta. Fui ao encontro deles e expliquei-lhes as circunstâncias. São muito pobres mas não estão atrás do dinheiro. Resolveram considerá-la como morta e deixaram que continuasse na sua situação. Ela própria quer ficar ao meu lado até a minha morte. Mas as nossas idades são de pai e filha, e por isso às vezes penso em mandá-la para casa. Meus filhos acham que ela está atrás do meu dinheiro.

Tenho uma doença crônica e julgo ter apenas um ou dois anos de vida. Gostaria que me mostrasse que rumo tomar. Acrescentarei apenas como conclusão que embora ela tenha sido outrora "uma garota do escuro", isso foi devido às circunstâncias. O seu caráter é bom e os pais não são interesseiros.

O médico japonês considerou este o caso típico de ter o velho depositado um *on* por demais pesado sobre os filhos. Diz ele:

O senhor descreveu um acontecimento de todos os dias... Preliminarmente, devo dizer que, segundo depreendo da sua carta, está solicitando de mim a resposta que o "senhor" deseja, o que me leva a algum antagonismo a seu respeito. Não há dúvida de que dou valor ao fato de não ter casado, porém, o senhor utilizou isso com a finalidade que os seus filhos devessem o *on* e também para se justificar dentro da sua atual linha de ação. Não gosto disto. Não quero dizer que o senhor seja hipócrita, mas a sua personalidade é muito fraca. Teria sido melhor

ter explicado aos seus filhos que vive com uma mulher — já que não pode deixar de ter uma — sem deixá-los a dever um *on* (pelo senhor ter permanecido solteiro). Os filhos, como é natural, estão contra porque o senhor enfatizou bastante este *on*. A final de contas, os seres humanos não perdem seus desejos sexuais e o senhor não consegue evitá-los. Entretanto, tenta-se dominar o desejo. Os seus filhos esperavam isso do senhor porque aguardavam que vivesse de acordo com a imagem que haviam formado da sua pessoa. Ao contrário, foram iludidos e faço idéia de como se sentem, embora isto seja egoístico da parte deles. Estão casados, sexualmente satisfeitos e são egoístas ao negar isto ao seu pai. O senhor pensa de uma maneira e os seus filhos, de outra (como acima). As duas maneiras de pensar não se combinam.

O senhor afirma que a moça e os pais são boa gente. É o que lhe agrada pensar. Todos nós sabemos que as pessoas são boas e más, dependendo das circunstâncias, da situação e, pelo fato de não estarem no momento buscando vantagem, não quer dizer que sejam “boa gente”. Acho os pais da moça bobos de deixarem-na servir de concubina a um homem próximo da morte. Se tal pretendem dela, deviam então pleitear algum lucro ou vantagem. É fantasia sua julgar de outro modo.

Não admira que seus filhos estejam achando que os pais da moça estejam atrás do seu dinheiro. Acredito que realmente o estejam. A moça é jovem, talvez não pense nisso, mas os pais, sim.

Há duas alternativas que lhe cabem:

1) Ser “um homem completo” (a ponto de nada lhe ser impossível), terminar com a moça e chegar a um acordo com ela. Não acredito, porém, que pudesse fazer isso, seus sentimentos não haveriam de permiti-lo.

2) “Voltar a ser um homem comum” (desistir das pretensões) e destruir a imagem de homem ideal a seu respeito, por parte de seus filhos.

Quanto aos bens, faça um testamento imediatamente, declarando as partes da moça e dos seus filhos.

Concluindo, lembre-se de que está velho e se tornando infantil, conforme depreendo da sua letra. Suas idéias são mais emocionais do que racionais. Está querendo esta moça como uma substituta materna, embora alegue estar querendo salvá-la da sarjeta. Não creio que uma criança possa viver sem a mãe, portanto, aconselho-o a adotar a segunda alternativa.

Esta carta se refere a várias coisas sobre o *on*. Uma vez que uma pessoa resolveu fazer os próprios filhos deverem um *on* sobrecarregado, somente poderá modificar seu rumo de ação de modo arriscado. Deverá saber que irá sofrer por causa disso. Além do mais, por maior que seja para ele o preço do *on* devido pelos filhos, não lhe caberá avocá-lo a si como um mérito a ser haurido. É errado usá-lo “para se justificar na sua presente linha de ação”. Os seus filhos acham-se “naturalmente” ressentidos; devido ao fato de o pai ter iniciado algo que foi incapaz de sustentar, eles foram “enganados”. É tolice de um pai

imaginar que apenas por se ter dedicado inteiramente a eles, enquanto necessitavam dos seus cuidados, irão os filhos agora adultos ser excepcionalmente solícitos com relação a ele. Contrariamente, estão cômicos apenas do *on* em que incorreram e “naturalmente estão contra o pai”.

Os americanos não julgam desta maneira uma tal situação. Acharmos que um pai que se dedicou aos seus filhos sem mãe deverá mais tarde ocupar um cálido lugar em seus corações e não terá os filhos voltados “naturalmente contra ele”. A fim de poder avaliá-la à maneira japonesa, poderemos, contudo, considerá-la como uma transação financeira, pois nesse âmbito temos atitudes comparáveis. Teria sido perfeitamente possível que disséssemos a um pai que emprestou dinheiro a seus filhos numa transação formal, na qual tiveram de arcar com juros, que “eles estão naturalmente em oposição a você”. Igualmente podemos assim entender por que uma pessoa que aceitou um cigarro fale da sua “vergonha”, ao invés de dizer um singelo “Obrigado”. Somos capazes de compreender o ressentimento com que se referem a alguém levar outrem a dever um *on*. É possível, para nós, no mínimo, obter um ressaibo no tocante à grandiosa exaltação por parte de Botchan da dívida de um copo de água gelada. Mas os americanos não estão acostumados a aplicar tais critérios financeiros a um convite ocasional num balcão de lanchonete ou à longa devoção, de anos a fio, de um pai com relação a seus filhos sem mãe, ou ainda à dedicação de um cão fiel como Hachi. O Japão, sim. Amor, afabilidade, generosidade, por nós avaliados na medida em que são doados sem compromissos, no Japão estes se impõem. E cada ato assim recebido torna cada qual um devedor. Conforme diz o provérbio deles: “É imprescindível (em grau incomensurável) uma generosidade inata para aceitar o *on*”.

## 8. LIMPANDO O NOME

O giri ligado ao nome é o dever de conservar imaculada a reputação. Consiste numa série de virtudes — algumas das quais parecem opostas a um ocidental, mas que, para os japoneses, possuem unidade suficiente por não constituírem pagamentos de benefícios recebidos. Aham-se “fora do círculo do *on*”. São os atos que mantêm limpa a reputação, sem estarem ligados a débitos específicos para com outras pessoas. Neles se inclui, portanto, a manutenção de todas as heterogêneas exigências de etiqueta concernentes à “devida posição” como a revelação de estoicismo na dor e a defesa da própria reputação na profissão ou ofício. O giri ligado ao nome reclama igualmente atos que eliminem um estigma

ou insulto. O estigma compromete o prestígio e deverá ser extirpado. Talvez seja necessário vingar-se do difamador ou então cometer suicídio, existindo toda a espécie de rumos de ação possíveis entre esses dois extremos. O fato é que não se dá de ombros levemente ao que seja comprometedor.

Os japoneses não têm palavras separadas para o que desigmo aqui como "o giri ligado ao nome". Consideram-no simplesmente o giri fora do círculo do *on*. É esta a base de classificação e não o fato de que o giri para com o mundo seja uma obrigação de retribuir favores e que o ligado ao nome consista principalmente em vingança. O fato de as línguas ocidentais separarem os dois em categorias tão opostas como gratidão e vingança não impressiona os japoneses. Por que não haverá de abranger uma virtude a conduta de um homem, tanto ao retribuir a benevolência quanto ao reagir ao desprezo ou à malevolência?

No Japão assim acontece. Um homem idôneo sente com a mesma intensidade os insultos tanto quanto os benefícios que recebe. Constitui virtude pagar a um ou a outro. Ele não separa os dois, como fazemos nós, chamando a um agressão e ao outro não-agressão. Para ele, a agressão começa apenas fora do "círculo do giri". Contanto que se mantenha o giri, limpando de mácula o nome, não se é culpado de agressão, trata-se de um ajuste de contas. "O mundo está virado", dizem eles, enquanto um insulto, estigma ou derrota não seja revidado ou eliminado. Um homem decente deve tentar pôr o mundo novamente em posição de equilíbrio. É a virtude humana e não um vício bem humano. O giri ligado ao nome, e até mesmo a maneira como é lingüisticamente combinado no Japão com gratidão e lealdade, tem sido uma virtude ocidental em determinados períodos da história européia. Floresceu largamente na Renascença, especialmente na Itália e tem muito em comum com *el valor espanol* na Espanha clássica e com *die Ehre* na Alemanha. Algo de muito semelhante conceituava o duelo na Europa há um século. Sempre que esta virtude de lavar as manchas da própria honra esteve em ascendência, no Japão ou nos países ocidentais, persistiu sempre em seu âmago a transcendência do proveito em qualquer sentido material. O virtuoso assim era considerado na proporção em que se oferecia para "honrar" os bens, a família e a própria vida.

Faz parte da sua própria definição, constituindo a base da asserção, por parte de tais países, de que seja um valor “espiritual”. Não há dúvida de que assim se envolvem eles em grandes perdas materiais, mal se podendo justificar dentro de uma base de lucros e perdas. Reside aí o grande contraste entre esta versão de honra e a competição de verdadeira degola e franca hostilidade que se manifesta na vida nos Estados Unidos. Na América pode acontecer de não haver exclusão de influência alguma numa negociação política ou financeira, mas trata-se de uma guerra para obter ou conservar alguma vantagem material. Somente casos excepcionais, como, por exemplo, nas contendidas das Montanhas de Kentucky, onde prevaleceram códigos de honra, é que caem na categoria do giri ligado ao nome.

O giri ligado ao nome e toda a hostilidade e vigilante expectativa que o cerca em qualquer cultura não é, porém, virtude característica do continente asiático. Não é, como se diz, oriental. Os chineses não o têm, nem os siameses, nem os indianos. Os chineses consideram tal sensibilidade para com insultos e difamações como um traço de gente “pequena” — moralmente pequena. Não constitui parte do seu ideal de nobreza, como no Japão. A violência, considerada errada quando irrompe sem mais nem menos, não fica bem pela ética chinesa a exemplo de um homem que a ela se entrega para o revide de um insulto. Achem ridículo ser assim tão sensível. Não encaram tampouco um estigma como algo cuja erradicação seja edificante. Os siameses desconsideram esse tipo de sensibilidade aos insultos. Do mesmo modo que os chineses, regulam seus ajustes, ridicularizando seus difamadores, mas não imaginam que a sua honra tenha sido contestada. “A melhor maneira de evidenciar a selvageria de um antagonista”, dizem eles, “é concordar com ele”.

A significação completa do giri ligado ao nome não pode ser entendida sem que se coloquem em contexto todas as virtudes não-agressivas nele incluídas no Japão. A vingança é apenas uma das virtudes por ele exigidas ocasionalmente. Dele constam também grandes doses de conduta tranqüila e equilibrada. O estoicismo, o auto-controle imprescindível a um japonês de amor-próprio, faz parte do seu giri ligado ao nome. Uma mulher não deve queixar-se na hora do parto e um homem tem de ele-



var-se acima da dor e do perigo. Quando as enchentes invadem uma aldeia japonesa, o amor-próprio de cada um leva-o a reunir todos os seus pertences e procurar as elevações de terreno. Não há lamentações, correrias, nem pânico. Quando os ventos equinociais e a chuva chegam, numa fúria de ciclone, há semelhante autocontrole. Um procedimento desses completa o respeito que cada um sente por si mesmo no Japão, ainda que a longo prazo não viva assim. Acha-m eles que o amor-próprio americano não exige autocontrole. Há uma *noblesse oblige* neste autocontrole no Japão e nos tempos feudais exigia-se, portanto, mais dos samurais do que da gente comum, mas a virtude, embora menos premente, constituía preceito de vida entre as classes. Se se exigia dos samurais que chegassem a extremos ao se elevarem acima da dor física, a gente comum era forçada a chegar a extremos ao aceitar as agressões dos samurais armados.

São famosas as histórias acerca do estoicismo dos samurais. Eram proibidos de se deixarem vencer pela fome, o que, no entanto, era por demais trivial para ser mencionado. Impunha-se-lhes quando famintos que aparentassem ter acabado de comer: deviam palitar os dentes ostensivamente. “Os filhotes de passarinho”, diz a máxima, “choram por comida, mas o samurai traz aos dentes o palito”. Na guerra passada foi esta a máxima militar para o soldado combatente. Não devem tampouco ceder à dor. A atitude japonesa era como a réplica do menino-soldado a Napoleão: “Ferido? Não, majestade, estou morto”. Um samurai não devia dar sinais de sofrimento até cair morto e devia agüentar a dor sem pestanejar. Contam que o Conde Katsu, que morreu em 1899, quando menino teve os testículos lacerados por um cão. Ele pertencia a uma família de samurais, reduzida, no entanto, à miséria. Enquanto o médico o esperava, o pai mantinha a espada encostada ao seu nariz. “Se der um pio”, avisou ele, “morrerá de um jeito que pelo menos não será vergonhoso”.

O giri ligado ao nome exige também que se viva de acordo com a própria situação na vida. Se um homem falha neste giri, não tem direito a respeitar-se, o que significava no período Tokugawa a aceitação, como parte de seu amor-próprio, das pormenorizadas leis suntuárias que regulavam praticamente tudo o que usasse, tivesse ou

utilizasse. Os americanos ficam profundamente chocados por leis que definam tais coisas como advindas da situação de classe herdada. O amor-próprio nos Estados Unidos está relacionado com a melhoria da própria posição social, sendo que leis suntuárias rígidas constituem uma negação da própria base de nossa sociedade. Ficamos horrorizados com as leis Tokugawa que estabeleciam para o fazendeiro de uma classe a permissão de comprar determinada boneca para a filha e para o de uma outra, uma boneca diferente. Na América, entretanto, obtemos os mesmos resultados apelando para uma ratificação diversa. Aceitamos sem críticas o fato de que o filho do dono da fábrica tenha uma coleção de trens elétricos e que a filha do agricultor contente-se com uma boneca de sabugo de milho. Aceitamos diferenças de rendimentos e justificamo-las. Ganhar um bom salário faz parte do nosso esquema de amor-próprio. Se as bonecas são reguladas pelos rendimentos isto não constitui violação de nossas idéias morais. Quem é rico compra melhores bonecas para os seus filhos. No Japão, ficar rico é suspeito, ao passo que conservar a sua posição não o é. Mesmo hoje em dia, tanto o pobre quanto o rico investem o amor-próprio no cumprimento das convenções da hierarquia. É uma virtude estranha à América, e o francês Tocqueville já o assinalou nos anos 30 do século passado, no seu livro já mencionado. Nascido na França no século XVIII, conhecia e amava o modo de vida aristocrático, a despeito de seus generosos comentários sobre o igualitarismo nos Estados Unidos. A América, disse ele, a despeito de suas virtudes, carecia de verdadeira dignidade. "A verdadeira dignidade consiste em adotar a posição devida, nem demasiado elevada, nem demasiado baixa, o que tanto está ao alcance do campônio, quanto do príncipe". Tocqueville teria compreendido a atitude japonesa de que as diferenças de classe não são elas mesmas humilhantes.

"A verdadeira dignidade", nesta era de estudo objetivo de culturas, é considerada como algo que diferentes pessoas podem definir de modo diverso, exatamente como sempre definem por eles mesmos o que é humilhante. Os americanos, que atualmente proclamam que o Japão não alcançará o amor-próprio enquanto não o compelirmos ao igualitarismo, são culpados de etnocentrismo. Se o que

esses americanos querem é, conforme dizem, um Japão com amor-próprio, terão de respeitar as bases japonesas de amor-próprio. Podemos reconhecer, como o fez Tocqueville, que esta “verdadeira dignidade” aristocrática está ficando ultrapassada no mundo moderno e que uma outra, mais apurada, está tomando o seu lugar. Também assim sucederá no Japão. Enquanto isso, modernamente, terá o Japão de ir reconstruindo o seu amor-próprio na sua própria base, e não na nossa. E terá de purificá-lo à sua maneira.

O giri ligado ao nome está igualmente relacionado com muitos gêneros de compromissos, além dos da devida posição. Quem pede um empréstimo, poderá estar empenhando o giri ligado ao seu nome. Há uma geração, era comum dizer: “Sujeito-me a cair no ridículo, se não pagar esta dívida”. Se falhasse, não se transformava literalmente num alvo de risos: não existiam pelourinhos no Japão. Mas quando chegava o Ano Novo, data em que as dívidas deviam ser pagas, o devedor insolvente podia suicidar-se, a fim de “limpar o nome”. A véspera de Ano Novo ainda tem a sua safra de suicidas, que assim procederam para redimir suas reputações.

Todos os compromissos profissionais resultam em giri ligado ao nome. As exigências japonesas costumam ser fantásticas quando circunstâncias especiais dão lugar à publicidade, e a reprovação possa ser geral. Veja-se, por exemplo, a longa lista de diretores de colégios que se suicidaram porque os incêndios em suas escolas — de que não eram culpados — ameaçaram o retrato do Imperador, pendurado em todos os estabelecimentos de ensino. Muitos professores, igualmente morreram queimados ao penetrarem nas escolas em chamas, a fim de salvar esses retratos. Com as suas mortes demonstraram o quanto prezavam o giri ligado a seus nomes e o seu chu ao Imperador. Há também famosas histórias de pessoas que incorreram num *lapsus linguae* durante leituras públicas solenes de um dos Editos Imperiais, seja o da Educação ou o dirigido aos Soldados e Marinheiros, e limpavam os seus nomes suicidando-se. Durante o reinado do atual Imperador, um homem que inadvertidamente dera ao seu filho o nome de Hiroito — o nome dado ao Imperador jamais foi pronunciado no Japão — matou a si mesmo e ao filho.

O giri ligado ao nome como profissional é muito premente no Japão, não precisando ser mantido, no entanto, no sentido em que o americano considera de elevado padrão. Diz o professor: "Pelo giri ligado ao meu nome como professor, não posso admitir ignorância alguma", querendo dizer que, se desconhece a que espécie pertence uma rã, mesmo assim tem de fingir que assim não acontece. Se ensina inglês na base de apenas alguns anos de instrução escolar, não poderá admitir, entretanto, que alguém possa corrigi-lo. É particularmente a este tipo de defensiva que se refere o "giri ligado ao nome como professor". O homem de negócios, também, pelo giri ligado ao seu nome como homem de negócios, não pode deixar ninguém saber que os seus haveres estejam seriamente exauridos ou que os planos que elaborou para a sua organização fracassaram. E o diplomata não pode admitir em giri o malogro de sua política. Em todos esses empregos de giri, verifica-se uma identificação extrema do homem com a sua obra, tornando-se automaticamente uma crítica da própria pessoa qualquer apreciação de sua atuação ou competência.

Essas reações japonesas a imputações de falhas e insuficiências podem ser reproduzidas efetivamente nos Estados Unidos. Todos conhecemos gente atribulada pela calúnia. Raramente, porém, somos tão defensivos quanto os japoneses. Se um professor não sabe a que espécie pertence uma rã, acha mais digno confessá-lo do que arrogar-se tal conhecimento, ainda que pudesse sucumbir à tentação de esconder a sua ignorância. Se um homem de negócios acha-se descontente com algum plano de ação que vem propondo, seu parecer será de que poderá estabelecer uma diretiva nova e diferente. Jamais lhe ocorrerá estar o seu amor-próprio condicionado à asserção de que sempre esteve certo e que se admitisse estar errado, devesse pedir demissão ou aposentar-se. No Japão, entretanto, a defensiva se instala profundamente, constituindo norma de sabedoria — como também o é de etiqueta universal — não exprobrar a ninguém ter cometido um erro profissional.

Esta sensibilidade evidencia-se principalmente em situações em que uma pessoa perdeu para uma outra. Pode ser apenas que a outra tenha obtido preferência para um emprego ou que a pessoa interessada tenha se saído mal em algum exame competitivo. O perdedor "arrasta

vergonha" por tais fracassos e, embora esta vergonha constitua, em alguns casos, um forte incentivo para empenhos maiores, em muitos outros é um perigoso depressor. Ele perde a confiança e torna-se melancólico, irritado, ou ambos. Bloqueiam-se os seus esforços. É particularmente importante para os americanos verificar que a competição no Japão não apresenta, pois, o mesmo grau de efeitos socialmente desejáveis de nosso sistema de vida. Fiamos-nos acentuadamente na competição como uma "coisa boa". Os testes psicológicos demonstram que a competição nos estimula para uma melhor produção. O desempenho vigoriza-se sob tal estímulo. Quando nos dão algo para fazer, isoladamente, decaímos em relação ao índice que alcançamos na presença de competidores. No Japão, entretanto, seus testes revelam exatamente o oposto. É especialmente marcante uma vez terminada a infância, pois, as crianças japonesas mostram-se mais folgazãs quanto à competição, sem se preocuparem tanto com ela. Com rapazes e adultos, contudo, o desempenho piora com a competição. Candidatos com apreciável progresso diminuíram os erros e aumentaram a rapidez ao trabalharem sozinhos, passando a cometer enganos e a se retardarem com a presença de um competidor. Produziram melhor quando o seu aperfeiçoamento foi cotejado com os próprios antecedentes e não quando se mediram com outros. Os pesquisadores japoneses analisaram corretamente a razão para estes fracos índices em situações competitivas. Os seus candidatos, disseram eles, quando o projeto tornou-se competitivo, passaram a se preocupar especialmente com o perigo de serem derrotados e a produção decaiu. Tanto consideraram a competição como uma agressão, que voltaram a atenção para a sua relação com o agressor, ao invés de concentrar-se na tarefa.\*

Os estudantes examinados nesses testes tendiam a ser influenciados antes de mais nada pela possível vergonha do fracasso. Como um professor ou homem de negócios confrontando-se com o giri ligado ao seu nome profissional, são eles atingidos pelo giri ligado ao nome como estudantes. Equipes estudantis que perderam em

\* Para um sumário, ver *The Japanese: Character and Morale* (mimeografado). Preparado por Ladislav Farago para o Comitê de Moral National, 9 East 89th Street, New York.

jogos competitivos, igualmente, exacerbam-se carpindo a vergonha do fracasso. Tripulações arrojaram-se dentro de seus botes, junto aos remos, chorando e se lamentando. Equipes derrotadas de beisebol ajuntam-se num pranto ruidoso. Nos Estados Unidos seriam considerados maus perdedores. Segundo a nossa etiqueta, esperamos que reconheçam ter vencido a melhor equipe. Os derrotados devem apertar as mãos dos vencedores. Por mais que detestemos ser derrotados, desprezamos os que entram em crise emocional por causa disso.

Os japoneses sempre se mostravam inventivos no sentido de idear maneiras de evitar a competição direta. Suas escolas elementares reduzem-na a um mínimo inconcebível aos americanos. Os seus professores recebem instruções visando a que cada criança deva ser ensinada a melhorar a própria atuação, sem que lhe sejam dadas oportunidades de comparar-se com outras. Nas suas escolas primárias chegam a não conservar os repetentes, levando as crianças que entraram juntas a assim se conservarem por todo o seu período elementar. Seus boletins classificam as crianças nas escolas elementares através de notas de conduta e não de trabalhos escolares: quando se torna inevitável uma situação realmente competitiva, como nos exames para o ingresso em cursos médios, a tensão é compreensivelmente grande. Todos os professores contam histórias de meninos que se suicidaram ao saber que haviam sido reprovados.

A redução ao mínimo da competição direta continua por toda a vida dos japoneses. Uma ética baseada no *on* pouco lugar tem para a competição, ao passo que o imperativo categórico americano repousa sobre o êxito na competição com os semelhantes. Todo o seu sistema de hierarquia, com as suas pormenorizadas regras de classe, reduz ao mínimo a competição direta. O sistema familiar, igualmente, pois pai e filho não se encontram institucionalmente em competição, como na América: poderão rejeitar-se, mas jamais competir. Os japoneses falam, assombrados, da família americana, onde pai e filho competem pelo uso do carro de família e pela atenção da mãe-esposa.

A onipresente instituição do intermediário representa uma das muitas maneiras através das quais os japoneses evitam o confronto direto de pessoas em

competição. Toda a situação em que um homem possa envergonhar-se por não se ter saído bem exige um intermediário, empregado em grande número de ocasiões — negociação de casamento, oferecimento dos próprios serviços sob contrato, saída de um emprego e incontáveis assuntos cotidianos a serem resolvidos. Um agente desses informa os dois lados ou, no caso de uma importante negociação, como um casamento, empregam-se respectivamente dois intermediários, que ajustam os detalhes entre si antes de irem fornecer os resultados de seus trabalhos. Mediante um trato de segunda mão como esse, os representados livram-se de tomar conhecimento de reclamações e incumbências que haveriam de ressentir-se como giri ligado aos seus nomes, se estivessem em comunicação direta. O intermediário, igualmente, obtém prestígio atuando em caráter oficial, como também o respeito da comunidade com o êxito de suas manobras. As possibilidades de um acordo pacífico são maiores, pois, o intermediário está pessoalmente empenhado em negociações conciliatórias. Ele age do mesmo modo ao sondar um empregador acerca de um emprego para o seu cliente, ou ao transmitir-lhe a decisão do empregado de sair do mesmo.

Estabelece-se toda a sorte de etiquetas a fim de evitar situações causadoras de vergonha, possíveis de acarretar giri para o próprio nome. Tais situações, assim reduzidas ao mínimo, vão muito além da competição direta. O dono da casa, acham eles, deve receber o seu hóspede com um certo ritual de boas-vindas e nas suas melhores roupas. Portanto, quem encontra o fazendeiro em casa com as suas vestes de trabalho, é provável que vá ter de esperar um pouco. Ele não dará sinais de reconhecimento até envergar roupas apropriadas e providenciar as devidas cortesias. Não faz diferença se o dono da casa tiver de trocar de roupa no aposento em que o hóspede estiver esperando. Simplesmente ele não se acha presente, até que vista o traje adequado. Nas zonas rurais, igualmente, os rapazes podem visitar as moças à noite, depois que todos em casa estejam dormindo e a moça já na cama. As moças poderão aceitar ou rejeitar suas investidas, entretanto, o rapaz usa uma toalha amarrada ao rosto, de modo a que, se for repellido, não se sinta envergonhado no dia seguinte. O disfarce não é para impedir que a moça o

reconheça. É simplesmente uma técnica de avestruz, a fim de que ele não se veja obrigado a admitir que tenha sido em pessoa humilhado. A etiqueta exige também que se tenha o mínimo conhecimento de um projeto, até que o seu sucesso esteja assegurado. Faz parte dos deveres de intermediários no arranjo de um casamento aproximarem os futuros noivos antes de ser completo o contrato. Todos os esforços são envidados no sentido de tornar casual o encontro, pois se o objetivo da apresentação fosse declarado àquela altura, qualquer rompimento das negociações ameaçaria a honra de uma das famílias ou de ambas. Já que o jovem casal deve cada um estar acompanhado por um ou ambos os progenitores, e os intermediários venham a ser os donos ou donas da casa, nada mais natural que “esbarrem um no outro” casualmente na exposição anual de crisântemos, na contemplação do florescer das cerejeiras ou então num parque ou local de recreio assaz conhecidos.

De todos esses modos e de muitos outros mais, os japoneses procuram evitar as ocasiões em que o fracasso possa ser vergonhoso. Embora coloquem tanta ênfase no dever de limpar o nome de um insulto, na prática isso os leva a ajustar os acontecimentos de maneira a que o mais raramente possível se venha a experimentar insultos. Grande é o contraste com o que ocorre em muitas tribos das ilhas do Pacífico, onde limpar o próprio nome ocupa um lugar tão preeminente quanto no Japão.

Entre esses primitivos povos horticultores da Nova Guiné e Melanésia, o incentivo principal da ação tribal ou pessoal é o insulto, de que é necessário ressentir-se. Não há uma festa tribal sem que uma aldeia o traga à baila, declarando que uma outra aldeia é tão pobre que não pode alimentar dez hóspedes, é tão sovina que esconde seus inhames e cocos, tem uns chefes tão ignorantes a ponto de serem incapazes de organizar uma festa, ainda que o tentassem. A aldeia provocada limpa, então, o seu nome, deslumbrando a quem chega com o seu pródigo aparato e hospitalidade. As negociações de casamento e as transações financeiras são postas em andamento da mesma maneira. Do mesmo modo, quando decidem guerrear, terríveis insultos são trocados, antes de colocarem as flechas em seus arcos. Abordam a mais insignificante questão como se fosse ocasião para um combate mortal.



Há um grande incentivo para a ação e essas tribos costumam ter muita vitalidade. Contudo, jamais foram tidas como cortesias.

Os japoneses, ao contrário, são modelos de polidez, valendo tal preeminência como indicação dos extremos a que chegaram na limitação das ocasiões em que seja necessário limpar o próprio nome. Prezam, como incomparável estímulo ao empreendimento, a animosidade ocasionada pelo insulto, entretanto, restringem as situações em que seja despertado. Era apenas cabível em determinadas situações ou quando cedessem sob pressão às disposições tradicionais para eliminá-lo. Não há dúvida de que o emprego de tal estímulo no Japão contribuiu para a posição dominante por ele alcançada no Extremo Oriente e no tocante à sua política de guerra anglo-americana na última década. Muitos debates ocidentais em torno da sensibilidade do Japão ao insulto e a sua ansiedade em vingar-se, contudo, mais se aplicariam às tribos insulto-ativistas da Nova Guiné do que ao Japão, sendo que muitas previsões ocidentais de como o Japão procederia após a derrota nesta guerra tanto se extraviaram devido a não levarem em conta as particulares limitações japonesas quanto ao giri ligado ao próprio nome.

A cortesia dos japoneses não deverá levar os americanos a menosprezar a sua sensibilidade a imputações. Os americanos trocam muito despreocupadamente comentários pessoais, numa espécie de jogo. É difícil para nós avaliar a extrema seriedade que se liga aos comentários ligeiros no Japão. Na sua autobiografia, publicada nos Estados Unidos escrita em inglês, um artista japonês, Yoshio Markino, descreveu com nitidez uma reação japonesa perfeitamente adequada ao que ele interpretou como um escárnio. Quando escreveu o livro já vivera a maior parte da sua vida adulta nos Estados Unidos e na Europa, entretanto, para ele era como se ainda morasse na sua cidade natal, a rural Aichi. Era o filho mais moço de um proprietário de terras, de boa posição social e havia sido criado com a maior afeição, num lar encantador. Quase ao final da infância, a mãe morreu e, não muito depois, o pai faliu, vendendo todos os bens para pagar as dívidas. A família dissolveu-se e Markino não tinha sequer um sen para auxiliá-lo a realizar as suas

ambições. Uma delas era aprender inglês. Empregou-se numa escola missionária das vizinhanças e exerceu o emprego de porteiro, a fim de aprender a língua. Aos dezoito anos, ainda nunca havia saído do círculo de algumas cidades provincianas, mas já decidira ir para a América.

Fui procurar um dos missionários, em quem confiava mais do que em qualquer outro. Falei-lhe da minha intenção de ir para a América, na esperança de que pudesse dar-me alguma informação útil. Para grande desapontamento meu, ele exclamou: "Como? *Você* está pretendendo ir para a América?" Sua esposa achava-se na mesma sala e ambos tiveram um sorriso de escárnio para comigo! Naquele momento senti como se todo o sangue da cabeça me tivesse corrido para os pés! Permaneci no mesmo lugar alguns segundos em silêncio, em seguida voltei ao meu quarto, sem despedir-me. Disse para mim mesmo: "Está tudo terminado".

Na manhã seguinte, fugi. Quero agora explicar a razão disso. Sempre achei a *hipocrisia* o maior crime do mundo, e nada poderia ser mais hipócrita do que um sorriso de escárnio!

Perdão sempre a raiva alheia, porque é humano irritar-se. Geralmente perdão quando me dizem uma mentira, porque a natureza humana é muito fraca, sendo freqüente faltar a disposição de enfrentar-se a dificuldade e dizer a verdade. Perdão também se espalham boatos ou bisbilhotices a meu respeito, pois é fácil a tentação quando outros assim persuadem.

Até mesmo assassinos posso perdoar, dependendo das circunstâncias. Mas quanto ao escárnio não há desculpa, porque não se pode zombar de gente sem hipocrisia intencional.

Permitam que lhes dê a minha definição das duas palavras. O assassino é quem mata a *carne* humana. O escarnecedor mata a ALMA e o *coração* alheios.

A alma e o coração valem mais do que a carne, portanto, o escárnio é o pior dos crimes. De fato, aquele missionário e a esposa tentaram assassinar-me a *alma* e o *coração* e tive uma grande dor em meu coração que gritava: "Por que vocês?" \*

Na manhã seguinte ele partia com todos os seus pertences amarrados num lenço.

Conforme achava, havia sido "assassinado" pela incredulidade do missionário quanto a um rapaz provinciano sem vintém ir para os Estados Unidos a fim de tornar-se um artista. O seu nome estava maculado até que o limpasse cumprindo o seu propósito, não lhe restando outra alternativa após o "escárnio" do missionário senão sair do lugar e comprovar a sua competência em ir para os

\* |Markino, Yoshio. *When I was a Child*. 1912, pp. 159-160. Os gritos são do original.

Estados Unidos. Soa estranho em outra língua ele acusar o missionário de “hipocrisia”, já que a exclamação do americano parece-nos bastante “sincera”, segundo compreendemos a palavra. Mas é que ele está usando a palavra no seu significado japonês, em que geralmente se nega sinceridade a alguém que faz pouco de uma pessoa a quem não pretende provocar no sentido de agressão. Uma zombaria dessas é injustificada e comprova “hipocrisia”.

“Até mesmo assassinos posso perdoar, dependendo das circunstâncias. Mas quanto ao escárnio não há desculpa.” Já que não se deve “perdoar”, a reação possível ao estigma é a vingança. Markino limpou o nome indo para os Estados Unidos, contudo, a vingança ocupa situação elevada na tradição japonesa como sendo “coisa boa” em caso de insulto ou derrota. Os japoneses que escrevem livros para leitores ocidentais algumas vezes usaram vigorosas figuras de linguagem para designar atitudes japonesas relativas à vingança. Inazo Nitobe, um dos mais bondosos homens do Japão, escrevendo em 1900, diz: “Na vingança existe algo que satisfaz o sentido de justiça de cada um. O nosso sentido de vingança é tão preciso quanto a nossa aptidão matemática e, até serem satisfeitos os dois termos da equação, não conseguimos evitar a sensação de algo deixado por fazer”. \* Yoshisaburo Okakura, num livro sobre *The Life and Thought of Japan*, utiliza como comparação um costume tipicamente japonês.

Muitas das chamadas peculiaridades mentais dos japoneses devem sua origem ao amor pela pureza e à sua complementar aversão pela mácula. Mas, convenhamos, como poderia ser de outra maneira, sendo educados como o somos para encarar as desfeitas infligidas, quer sobre a nossa honra familiar quer sobre o orgulho nacional, como umas tantas máculas e ferimentos que não seriam outra vez limpos nem curados, a menos que por total lavagem através de vindicação? Podem considerar os casos de *vendetta* encontrados tão amiúde na vida pública e particular do Japão simplesmente e como uma espécie de matinal banho de banheira de um povo cujo sentido de limpeza transformou-se em paixão. \*\*

E continua ele dizendo que dessa forma vivem os japoneses “vidas limpas e imaculadas, serenas e belas como

\* Nitobe, Inazo. *Bushido, The Soul of Japan*. 1900, p. 83.

\*\* Okakura, Yoshisaburo. *The Life and Thought of Japan*. Londres, 1913, p. 17.

uma cerejeira em flor". Este "matinal banho de banheira", em outras palavras, lava a sujeira sobre a pessoa atirada, sendo impossível a virtude, enquanto ela ficar aderindo. Os japoneses não têm ética que ensine não poder um homem ser insultado a menos que assim se julgue e que somente "o que sai de um homem" é que o macula e não o que é dito ou feito contra ele.

A tradição japonesa vai mantendo diante do público este ideal de "banho matinal" de *vendetta*. Incontáveis incidentes e histórias de heróis, entre as quais a mais popular é a histórica *Narrativa dos quarenta e sete ronins*, são conhecidos de todos. São lidos nos seus livros escolares e representados no teatro, transformados em filmes modernos e divulgados em publicações populares. Fazem parte da cultura viva do Japão moderno.

Muitas dessas histórias são a respeito da sensibilidade a fracassos ocasionais. Por exemplo, um daimio mandou chamar três de seus dependentes a fim de que dissessem o nome de certa esplêndida espada. Tendo eles discordado e tendo sido consultados os peritos, descobriu-se que Nagoya Sanza havia sido o único que a tinha identificado corretamente como uma lâmina Muramasa. Os que se enganaram consideraram-se insultados e resolveram matar Sanza. Um deles, ao encontrá-lo adormecido, feriu-o com a espada do mesmo. Sanza, entretanto, sobreviveu e o seu atacante dali por diante dedicou-se à sua vingança. Finalmente conseguiu matá-lo, satisfazendo o seu giri.

Há outras histórias acerca da necessidade de desforrar-se do senhor. O giri significava na ética japonesa tanto a fidelidade do dependente ao senhor até a morte, quanto a sua meia-volta de exorbitante hostilidade, ao se julgar ele próprio insultado. Um bom exemplo advém das histórias a respeito de Ieyasu, o primeiro Xógum Tokugawa. Informaram a um de seus dependentes que Ieyasu dissera dele: "Ele é o tipo do indivíduo que morrerá com uma espinha atravessada na garganta". A imputação de que haveria ele de morrer de maneira pouco digna não era aturável, e o dependente fez promessa de que não se esqueceria disso vivo ou morto. Ieyasu achava-se na ocasião unificando o país, desde a nova capital Yedo (Tóquio) e ainda não estava a salvo de seus inimigos. O dependente fez proposta aos senhores inimigos, oferecendo-se para incendiar Yedo desde a parte interna e

devastá-la. Deste modo o giri seria satisfeito e ele se vingaria de Ieyasu. A maioria das discussões ocidentais em torno da lealdade japonesa nada têm de realistas, pois não assinalam que o giri não é simplesmente fidelidade. Também é uma virtude que sob determinadas circunstâncias prescreve traição. Como dizem eles, "Um homem espancado transforma-se num rebelde". E igualmente o homem insultado.

Esses dois temas das narrativas históricas — vingança contra uma pessoa que estava certa quando uma outra estava errada e a desforra contra uma imputação, mesmo partida do senhor — são corriqueiros na literatura japonesa mais divulgada, apresentando muitas variações. Quando se examinam modernas biografias, novelas e acontecimentos, torna-se claro que, conquanto muito aprecie o Japão a vingança nas suas tradições, as histórias de represálias são hoje em dia certamente tão raras quanto nos países ocidentais, talvez mais raras. Isto não quer dizer que as obsessões concernentes à honra tenham diminuído e sim que a reação aos malogros e estigmas mais e mais amiúde tornou-se defensiva, ao invés de ofensiva. O opróbrio continua como nunca a ser encarado seriamente pelo povo, porém, mais e mais amiúde paralisa as energias das pessoas, ao invés de incitá-las à luta. O ataque direto de vingança era mais possível nos anárquicos tempos anteriores à Era Meiji. No período moderno, a lei, a ordem e as dificuldades de conduzir uma economia mais interdependente tornaram a vingança subterrânea ou voltaram-na contra o peito de cada um. Uma pessoa pode tirar uma vingança particular contra o inimigo empregando um estratagema que jamais confessa — de certo modo como a velha história do hospedeiro que serviu excremento ao inimigo, misturado na comida deliciosa, nada mais pretendendo além do conhecimento de que o havia feito. O convidado jamais soube. Mas, mesmo esta forma de agressão subterrânea é mais rara hoje em dia do que o ato de voltá-la contra si mesmo. Neste caso têm-se duas alternativas: utilizá-la como incentivo para uma autodiretriz até o "impossível" ou deixar que ela devore o próprio coração.

A vulnerabilidade dos japoneses aos fracassos, estigmas e rejeições decididamente os inclina mais a se maltratarem do que aos demais. Suas novelas rei-

teradamente exploram o beco da melancolia, em alternância com as explosões de furor a que se têm abandonado nas últimas décadas, com tanta frequência, os japoneses instruídos. Os protagonistas dessas histórias são entediados — entediados da rotina da vida, das famílias, da cidade, do país. Não é, contudo, o tédio de procurar alcançar as estrelas, em que todos os esforços parecem triviais comparados com a grande meta figurada nos olhos da mente. Não é um tédio nascido do contraste entre a realidade e o ideal. Quando os japoneses adquirem a visão de uma grande missão perdem o seu tédio. Perdem-no de forma completa e absoluta, por mais distante que esteja a meta. O seu tipo especial de *ennui* constitui a doença de um povo por demais vulnerável. Voltam contra si próprios o seu medo de rejeição e ficam bloqueados. O retrato do tédio na novela japonesa é um estado mental bastante diferente daquele com que nos familiarizamos na novela russa, onde o contraste entre os mundos real e ideal é básico nos tédios experimentados por seus heróis. Sir George Sansom declarou que os japoneses carecem deste sentido de contraste entre o real e o ideal. Não está especificando de como isto esteja subjacente ao seu tédio e sim de que modo eles formulam a sua filosofia e a atitude geral perante a vida. Não há dúvida de que este contraste com noções básicas ocidentais vai muito além do caso aqui estudado, tendo no entanto especial pertinência com as suas assediantes depressões. O Japão equipara-se com a Rússia como uma nação tendente a retratar o tédio em suas novelas, sendo marcante o contraste com os Estados Unidos. As novelas americanas não aproveitam muito o tema. Nossos romancistas relacionam a desdita de seus personagens com uma deficiência de caráter ou os açoites de um mundo cruel, quase nunca se detêm no tédio puro e simples. Os desajustes pessoais têm uma causa, uma estruturação e instigam a condenação moral por parte do leitor de algum defeito do herói ou heroína ou algum mal da ordem social. O Japão também tem as suas novelas proletárias que denunciam as desesperadoras condições econômicas nas cidades e as terríveis ocorrências nos barcos mercantes pesqueiros, porém, suas novelas que tratam do caráter revelam um mundo onde as emoções das pessoas lhes costuma acontecer, conforme diz um autor, como nuvens de gás de cloro. Nem o personagem, nem o

autor julgam necessário analisar as circunstâncias ou a história da vida do herói, no sentido de explicar a nuvem. Ela vai e vem. As pessoas são vulneráveis. Introverteram a agressão com que os seus antigos heróis costumavam assolar os seus inimigos e a sua depressão não lhes parece ter causa explícita. Podem valer-se de um incidente como origem, o qual deixa, no entanto, uma curiosa impressão de não passar de um símbolo.

A ação agressiva mais extrema empreendida por um japonês moderno contra si mesmo é o suicídio. O suicídio, adequadamente executado, de acordo com os seus princípios, limpa o nome e reabilita a memória. A condenação americana do suicídio faz da autodestruição tão só uma submissão insensata ao desespero, ao passo que o respeito a ele votado pelos japoneses licencia-o como ato honroso e significativo. Em determinadas situações, é a maneira mais digna de assumir o giri ligado ao nome. O devedor omissor no dia de Ano Novo, o oficial que se mata para comprovar que assume responsabilidade de alguma lamentável ocorrência, os amantes que selam o seu amor impossível num duplo suicídio, o patriota que protesta a protelação por parte do governo da guerra com a China estão todos, assim como o menino que é reprovado no exame ou o soldado fugindo à captura, voltando contra si mesmos uma violência definitiva. Algumas autoridades japonesas dizem que esta tendência ao suicídio é nova no Japão. Não é fácil opinar, e as estatísticas revelam que nos últimos anos os observadores têm superestimado a sua frequência. Houve proporcionalmente mais suicídios na Dinamarca no século passado e mais na Alemanha anterior ao nazismo do que em tempo algum no Japão. Uma coisa, porém, é certa: os japoneses adoram o assunto. Exploram-no como os americanos o fazem com o crime, tendo com relação a ele a mesma fruição vicária. Preferem alongar-se sobre ocorrências em torno da autodestruição do que da de outros. Fazem disso, segundo a frase de Bacon, o seu "caso flagrante" favorito, pois que, satisfaz certa necessidade impossível de ser atendida com o alongar-se em outros atos.

O suicídio é também mais masoquístico no Japão moderno do que parece ter sido em narrativas históricas dos tempos feudais. Nestas, o samurai suicidava-se por ordem do governo para livrar-se de uma execução desonrosa, do mesmo modo que um soldado inimigo oci-

dental seria fuzilado, ao invés de enforcado, ou então adotava tal procedimento a fim de salvar-se da tortura que esperava, se caísse nas mãos do inimigo. Concedia-se *harakiri* a um guerreiro, assim como, de forma análoga, às vezes, facilitava-se o suicídio secreto a um oficial prussiano em desonra. Seus superiores deixavam uma garrafa de uísque e uma pistola sobre uma mesa em seu quarto, após ter sido ele informado de que não poderia salvar a sua honra de outra maneira. Para os samurais japoneses, tirar-se a vida numa circunstância dessas constituía apenas uma escolha de meios: a morte era certa. Nos tempos modernos o suicídio é uma opção pela morte. Uma pessoa volta contra si própria a violência, amiúde, ao invés de assassinar outrem. O ato do suicídio, que em tempos feudais era a declaração final da coragem e decisão de um homem, transformou-se hoje em dia numa autodestruição escolhida. Durante as duas últimas gerações, quando os japoneses acharam que “o mundo estava tombando”, que “os dois termos da equação” não são equivalentes, que precisam de um “banho de banheira matinal” para limpar as máculas, passaram de modo considerável a se destruírem mais do que aos outros.

Mesmo o suicídio como argumento final para garantir uma vitória para o próprio lado, embora tenha ocorrido tanto em tempos feudais quanto modernos, modificou-se nesta mesma direção. Uma história famosa da Era Tokugawa refere-se a um velho tutor, de alta posição no conselho do xogunato, que desvestiu-se e colocou a espada de prontidão para um *harakiri* imediato, na presença de todo o conselho e de regente do xogunato. A ameaça de suicídio preponderou, conseguindo ele assim a sucessão do seu candidato à posição de Xógum. Obteve o que pretendia e não houve suicídio. Em terminologia ocidental, o tutor fizera chantagem com a oposição. Modernamente, contudo, um suicídio de protesto como esse é o ato de um mártir e não de um negociador. É consumado depois que se fracassou ou para colocar-se em evidência como opositor de um acordo já assinado, como o Ato de Paridade Naval. É efetuado de modo a que somente o ato efetivado e não a ameaça de suicídio, possa influenciar a opinião pública.

Esta crescente tendência a atacar a si próprio, quando seja ameaçado o giri ligado ao nome, não precisa



incluir medidas assim extremas como o suicídio. As agressões dirigidas para dentro poderão produzir tão-somente depressão e lassitude, além do típico tédio japonês tão freqüente nas classes instruídas. Existem boas razões sociológicas justificando a disseminação de tal disposição de ânimo especialmente nessa classe, já que a *intelligentsia* achava-se superlotada e situada de forma bastante insegura na hierarquia. Somente uma pequena proporção de seus membros conseguia satisfazer suas ambições. Nos anos 30 igualmente, tornaram-se eles duplamente vulneráveis, pois as autoridades receavam que estivessem tendo "pensamentos perigosos" e os manteve sob suspeita. Os intelectuais japoneses geralmente atribuem a sua frustração às confusões da ocidentalização, mas a explicação não tem alcance suficiente. A típica oscilação japonesa de humor vai do intenso empenho ao intenso tédio e a queda psíquica sofrida por muitos intelectuais decorreu da tradicional maneira japonesa. Muitos deles, igualmente, dele se livraram, de maneira tradicional, por volta da metade da década de 30: adotaram objetivos nacionalistas e dirigiram o ataque novamente para fora, distanciado de seus peitos. Na agressão totalitária contra nações exteriores conseguiam "encontrar-se" de novo. Salvaram-se de uma má disposição de ânimo e sentiram dentro de si uma grande força nova. Não lograriam fazê-lo nas relações pessoais, acreditavam, no entanto, que o conseguiriam como nação conquistadora.

Agora que o resultado da guerra comprovou o engano de tal confiança, de novo a lassitude constitui uma grande ameaça psíquica para o Japão. Não podem lutar facilmente contra ela, malgrado suas intenções, pois penetra profundamente. "Acabaram-se as bombas", disse um japonês de Tóquio, "o alívio é maravilhoso. Mas não estamos lutando mais e não há mais objetivos. Todos acham-se atordoados, sem se importarem muito como fazem as coisas. Eu estou assim, minha mulher está assim e igualmente o povo no hospital. Todos vagarosos com relação a tudo o que fazemos, atordoados. O povo agora se queixa de que o governo está se demorando na limpeza posterior à guerra e em proporcionar auxílio, mas acho que a razão disso está no fato de que todas as autoridades governamentais sentiam o mesmo que nós." Esta forma

de apatia é o tipo de perigo encontrado no Japão, tal qual na França após a libertação. Na Alemanha, nos primeiros seis ou oito meses após a rendição, não constituiu problema. No Japão o é. Os americanos conseguem entender bastante bem esta reação, no entanto, parece-nos quase inacreditável que venha acompanhado de tal cordialidade para com o conquistador. Quase imediatamente tornou-se claro que o povo japonês aceitava a derrota e todas as suas conseqüências com extrema boa vontade. Os americanos foram recebidos com mesuras e sorrisos, com acenos e brados de saudação. Aquele povo não estava triste nem indignado. Segundo a frase do Imperador, utilizada ao anunciar a rendição, eles haviam "aceitado o impossível". Por que então aquele povo não punha em ordem a sua casa nacional? Segundo os termos da ocupação, tinham oportunidade de fazê-lo. Não havia ocupação estrangeira aldeia por aldeia e a administração dos negócios estava entregue em suas mãos. A nação inteira parecia sorrir e saudar, ao invés de dirigir os seus negócios. Entretanto, era esta a mesma nação que realizara milagres de reabilitação no princípio do período Meiji, que se preparara para a conquista militar com tanta energia nos anos 30 e cujos soldados haviam lutado com tanta impetuosidade, ilha por ilha, pelo Pacífico afora.

São o mesmo povo, na verdade. Estão reagindo conforme a índole. A oscilação de ânimo a eles condizente vai do esforço intenso a uma lassitude que é puro ganhar tempo. No presente momento os japoneses antes de mais nada tencionam defender a boa reputação na derrota e acham que lhes é possível fazê-lo sendo amistosos. Como conseqüência, para muitos a maneira mais segura de consegui-lo é sendo dependente. Numa fácil sucessão, o esforço passará a ser suspeito e o melhor será ganhar tempo. A lassitude espalha-se.

No entanto, os japoneses não se comprazem no tédio. "Despertar da lassitude", "despertar os demais da lassitude" é a convocação constante para uma vida melhor no Japão e quase sempre estava nos lábios de seus locutores mesmo durante a guerra. À própria maneira, combatem a sua passividade. Na primavera de 1946, seus jornais continuam insistindo quanto à mancha que constitui para a honra do Japão não terem eles limpadado as ruínas dos bombardeios, nem posto a funcionar alguns serviços

públicos. Reclamam da lassitude das famílias sem teto que se juntam para dormir à noite nas estações ferroviárias, onde os americanos surpreendem a sua miséria. Os japoneses compreendem tais apelos à sua boa reputação. Também esperam que como nação conseguirão novamente envidar os maiores esforços no futuro, a fim de lutar por um lugar de respeito na Organização das Nações Unidas. Isso seria de novo trabalhar pela honra, mas numa direção nova. Se houver paz entre as Grandes Potências no futuro, o Japão poderá trilhar o caminho da dignidade.

Pois, no Japão, o objetivo constante é a honra. É necessário impor respeito. Os meios usados para tal fim constituem ferramentas que se empregam e se põem de lado, conforme as circunstâncias exigirem. Quando as situações mudam, os japoneses podem mudar de procedimento, criando novas rotas. A mudança não parece formar para eles a questão moral aberta para os ocidentais. Aderimos a princípios, a convicções em matéria ideológica. Quando perdemos, não mudamos de pensamento. Os europeus derrotados, por toda a parte, congregaram-se em movimentos clandestinos. À exceção de alguns ferrenhos conservadores, os japoneses não necessitam organizar movimentos de resistência e oposição subterrânea às forças de ocupação do Exército Americano. Não sentem necessidade moral de se manter na linha antiga. Desde os primeiros meses, americanos isolados viajaram com segurança em trens apinhados para as regiões mais remotas do país e foram recebidos com cortesia por antigas autoridades nacionalistas. Não se verificaram *vendettas*. Quando nossos jipes percorrem as aldeias, crianças enfileiradas pelas estradas gritam "Alô" e "Adeus", e as mães acenam para o soldado americano com as mãozinhas de seus bebês, quando pequenos demais para fazerem-no sozinhos.

A meia volta efetuada pelos japoneses na derrota é difícil de ser encarada dentro do seu valor nominal por parte dos americanos. Seria impossível que algo fizéssemos de semelhante. Mais difícil ainda seria entendermos a mudança de atitude de seus prisioneiros de guerra em nossos campos de internamento, já que eles se consideravam mortos para o Japão e nós nos acreditávamos impossibilitados de ter noção do que poderiam

ser capazes homens “mortos”. Muito poucos dos ocidentais conhecedores do Japão puderam prever que a mesma mudança de característica frontal dos prisioneiros de guerra iria verificar-se também no Japão, após a derrota. A maioria deles julgava que o Japão “apenas conhecia vitória ou derrota” e que a seus olhos a derrota constituiria um insulto a ser desagravado mediante furiosa violência. Alguns acreditavam que os traços nacionais característicos dos japoneses proibiam-lhes a aceitação de quaisquer condições de paz. Tais estudiosos do Japão não compreendiam o giri. Havia destacado, dentre todos os processos alternativos que conferem honra a um nome, a única e evidente técnica tradicional de vingança e agressão. Não levaram em conta o hábito japonês de adotar outra norma de ação. Confundiram as éticas de agressão japonesas com as formas européias, segundo as quais qualquer pessoa ou nação que combate tem de estar convencida primeiro da eterna integridade de sua causa e extrair daí a força das reservas de ódio ou indignação moral.

Os japoneses conduziram de maneira diferente a sua agressão. Necessitam extremamente serem respeitados no mundo. Verificaram que o poderio militar granjeava respeito para as grandes nações e empenharam-se num procedimento com o fito de igualá-las. Tiveram de se sobreexceder porque seus recursos eram pequenos e sua tecnologia primitiva. Quando fracassaram no seu grande esforço, entenderam que afinal de contas a agressão não era o caminho da honra. O giri sempre significara tanto o uso da agressão quanto a observância de relações respeitadas e na derrota os japoneses recorreram a um e a outro, aparentemente sem se infligirem uma violência psíquica. O objetivo continua sendo a sua boa reputação.

O Japão procedeu de forma similar em outras ocasiões de sua história, sempre de forma desconcertante para os ocidentais. Mal se erguera o pano após o longo isolamento feudal do Japão, quando em 1862 um inglês de nome Richardson foi assassinado em Satsuma. O feudo de Satsuma era um viveiro de agitação contra os bárbaros brancos e os samurais do lugar eram tidos como os mais arrogantes e belicosos de todo o Japão. Os ingleses enviaram uma expedição punitiva e bombardearam Kagoshima, um importante porto de Satsuma. Os japoneses haviam fabricado armas de fogo durante todo o período

Tokugawa, sendo elas, porém, copiadas de armas portuguesas obsoletas, não se podendo evidentemente rivalizar com as belonaves inglesas. As conseqüências desse bombardeio foram, no entanto, surpreendentes. Ao invés de fazer voto de vingança eterna contra os ingleses, Satsuma procurou a amizade destes. Havião testemunhado a grandeza do adversário e logo se dispuseram a aprender com eles. Estabeleceram relações comerciais e no ano seguinte fundavam uma universidade em Satsuma onde, conforme escreveu um japonês da época, "Os mistérios da ciência e da cultura ocidentais eram ensinados . . . A amizade nascida da Questão Namamuga continuava a crescer". \* A Questão Namamuga era a expedição punitiva inglesa contra eles e o bombardeio de seu porto.

Não foi este um caso isolado. O outro feudo que rivalizava com Satsuma como os mais belicosos e virulentos inimigos dos estrangeiros era Choshu. Ambos lideraram a fomentação da restauração do Imperador. A corte do Imperador oficialmente sem poderes promulgou um edito imperial, designando a data de 11 de maio de 1863 como a ocasião em que Xógum tinha instruções para expulsar todos os bárbaros do solo japonês. O xogunato não tomou conhecimento da ordem, o mesmo não acontecendo, porém, com Choshu, que abriu de seus fortes sobre navios mercantes ocidentais que passavam litoral afora pelo estreito de Shimonoseki. As armas e a munição japonesas eram por demais primitivas para danificar os navios, entretanto, uma esquadra de guerra ocidental internacional logo arrasou os fortes, a fim de dar uma lição a Choshu. Seguiram-se as mesmas estranhas conseqüências que em Satsuma, a despeito mesmo do fato de terem as potências ocidentais exigido uma indenização de três milhões de dólares. Conforme diz Norman a respeito dos incidentes de Satsuma e Choshu, "Qualquer que tenha sido a complexidade de motivos por trás da meia volta executada por esses importantes núcleos anti-estrangeiros, não se pode deixar de respeitar o realismo e a serenidade atestados por uma ação dessas". \* \*

Esta forma de realismo situacional constitui o lado alegre do giri ligado ao nome japonês. Como a lua, o giri

\* Norman, E. H. *op. cit.* pp. 44-45, e n. 85.

\*\* *Op. cit.* p. 45.

tem a sua face clara e a sua face escura. O seu aspecto sombrio é que levou o Japão a considerar eventualidades como o Ato de Exclusão Americana e o Tratado de Paridade Naval como insultos nacionais de tal forma exorbitantes a ponto de instigá-lo ao seu desastroso programa de guerra. O seu aspecto luminoso é que possibilitou a boa vontade com que aceitou as conseqüências da rendição em 1945. O Japão continua fiel à sua índole.

Os escritores e publicistas japoneses modernos organizaram uma seleção das obrigações do giri e apresentaram-nas literalmente aos ocidentais como o culto do *bushido*, os costumes dos samurais. Por várias razões isto veio a ser enganoso. Bushido é um termo oficial moderno que não tem atrás de si o profundo sentido folclórico de expressões consagradas no Japão como "acuado com giri", "simplesmente por giri" e "empenhando-se por giri". Não abrange tampouco as complexidades e ambivalências do giri. É a insinuação de um publicista. Tornou-se, além do mais, o *slogan* dos nacionalistas e militaristas, desacreditando-se o seu conceito na sucessão do descrédito desses líderes. De modo nenhum isso significa que os japoneses não mais "conhecerão o giri". Mais do que nunca é importante para os ocidentais entender o que significa o giri para o Japão. A identificação do bushido com o Samurai constituiu também uma fonte de mal-entendidos. O giri é uma virtude comum a todas as classes. Como todas as outras obrigações e disciplinas do Japão, o giri é "mais pesado" à medida que se sobe na escala social, mas é exigido em todos os níveis da sociedade. Pelo menos os japoneses consideram-no mais pesado para os samurais. Um observador não-japonês provavelmente achará que o giri exige mais da gente comum porque as recompensas da conformação afiguram-se-lhe menores. Para os japoneses constitui recompensa suficiente ser respeitado no seu mundo e "um homem que não conhece o giri" não passa de um "miserável infeliz". É desprezado e proscrito pelos seus semelhantes.



## 9. O CÍRCULO DOS SENTIMENTOS HUMANOS

Seria de todo consistente que um código de ética como o do Japão, a exigir tão extremo saldar de obrigações e tais renúncias drásticas, estigmatizasse o desejo pessoal como um mal a ser extirpado do peito humano. Tal é a doutrina budista, sendo, portanto, duplamente surpreendente que os preceitos japoneses sejam tão acolhedores com relação aos prazeres dos cinco sentidos. A despeito do fato de ser o Japão uma das grandes nações budistas do mundo, neste particular a sua ética contrasta acentuadamente com os ensinamentos de Gautama Buda e dos livros sagrados do Budismo. Os japoneses não condenam a auto-satisfação. Não são puritanos. Consideram os prazeres físicos bons e dignos de serem cultivados. Daí serem procurados e apreciados. En-



tretanto, precisam ser contidos no devido lugar. Não devem misturar-se aos assuntos sérios da vida.

Preceitos como esse emprestam à existência um estado de tensão particularmente elevado. Um hindu apreende com muito mais facilidade essas conseqüências da aceitação japonesa dos prazeres do que um americano. Os americanos não acham que os prazeres devam ser aprendidos. Um homem pode recusar-se a condescender em prazeres sensuais, o fato é que estará resistindo a uma tentação conhecida. Assim como os deveres, os prazeres podem ser ensinados. Em muitas culturas, os prazeres não são ensinados, tornando-se especialmente fácil para as pessoas dedicarem-se ao dever de sacrificar-se a si próprias. Mesmo a atração física entre homens e mulheres tem sido pouco revelada, mal chegando a ameaçar o livre curso da vida familiar, que em tais países baseia-se em considerações bem diversas. Os japoneses tornam a sua vida difícil cultivando os prazeres físicos e em seguida estabelecendo um código de preceitos, segundo o qual não deverão os mesmos serem desfrutados dentro de um sistema de vida sério. Cultivam os prazeres da carne como uma arte e, depois, uma vez inteiramente saboreados, sacrificam-se ao dever.

Um dos prazeres menores mais apreciados no Japão é o banho quente. Desde o mais pobre agricultor de arroz e o mais humilde criado ao mais rico aristocrata, a imersão diária em água extremamente quente constitui parte da rotina de todos os fins de tarde. A banheira mais utilizada é uma barrica de madeira, com carvões acesos por baixo, a fim de manter a água aquecida a 110 graus Fahrenheit ou mais. O costume é se lavar e enxaguar inteiramente antes de entrar na banheira e em seguida entregar-se de todo ao gozo do calor e do relaxamento proporcionado pela imersão. Sentam-se no banho com os joelhos trazidos à posição fetal, a água até a altura do queixo. Prescrevem eles o banho diário por questão de limpeza, como os americanos, incrementando-o, no entanto, de uma requintada arte de passivo deleite, difícil de igualar-se nos hábitos de banho do resto do mundo. Quanto mais velho se é, dizem eles, maior a adesão a ele.

Há todos os tipos de maneiras de reduzir ao mínimo o custo e o trabalho de proporcionar tais banhos, o fato é que não podem faltar. Nas cidades grandes e pequenas há grandes estabelecimentos públicos de banhos, como

piscinas, onde se pode imergir e conversar com um ocasional vizinho ao lado. Nas aldeias agrícolas, várias mulheres costumam revezar-se na preparação do banho no quintal — o pudor japonês não proscree os olhares públicos — para uso de suas famílias, cada um por sua vez. Todas as famílias, mesmo as refinadas, passam pela banheira doméstica em rigorosa sucessão: o hóspede, o avô, o pai, o filho mais velho e assim por diante, até o mais humilde empregado. Saem todos vermelhos como camarões e a família reúne-se a fim de desfrutar dos mais descontraídos momentos do dia, antes da refeição noturna.

Assim como o banho quente é tão avidamente desfrutado como um prazer, igualmente o “enrijecer-se” consta tradicionalmente da mais severa rotina de duchas frias. Geralmente denominada “exercícios de inverno” ou “fria austeridade”, é ainda cumprida, mas não na antiga forma tradicional, que prescrevia sair antes do amanhecer e colocar-se debaixo de quedas d’água de frígidos riachos de montanha. Mesmo o derramar de água gelada sobre si em noites de inverno nas suas casas japonesas desprovidas de aquecimento, não deixa de constituir apreciável austeridade, sendo o costume descrito por Percival Lowell, conforme existia na última década do século passado. Os que aspiravam a poderes especiais ou à profecia — sem que no entanto se tornassem sacerdotes — praticavam a austeridade fria antes de dormir e levantavam-se às duas da madrugada para repeti-la à hora em que “os deuses se banhavam”. O mesmo ocorria pela manhã ao levantar-se, ao meio-dia e ao cair da noite. \* A austeridade que antecedia ao amanhecer era especialmente difundida entre as pessoas que ansiassem por aprender um instrumento musical ou preparar-se para alguma carreira secular. Com o fito de enrijecer-se, era lícito se expor a qualquer frio, sendo considerado especialmente virtuoso por parte das crianças que praticassem caligrafia que terminassem seus períodos de prática com os dedos entorpecidos e com frieiras. As escolas elementares modernas não são aquecidas, consistindo nisso uma grande virtude, pois que prepara as crianças para futuras dificuldades da vida. Os ocidentais têm se

\* Lowell, Percival, *Occult Japan*, 1895, pp. 106-121.

impressionado mais é com os resfriados constantes e as corizas que tal costume em nada contribui para impedir.

O sono constitui outro deleite, uma das mais consumadas artes dos japoneses. Dormem inteiramente relaxados, em qualquer posição e em circunstâncias que consideramos impossíveis, o que costuma surpreender muitos estudiosos ocidentais dos costumes japoneses. Os americanos consideram a insônia quase um sinônimo de tensão psíquica e, segundo nossos critérios, notam-se elevadas tensões no caráter japonês. Para eles, no entanto, dormir bem é brincadeira de criança. Vão para a cama cedo, no que muito diferem de outras nações orientais. Os aldeões dormem todos ao anoitecer, mas não estão seguindo o nosso princípio de acumular energia para o dia seguinte, pois não têm esse tipo de cálculo. Um ocidental, que os conhecia bem, escreveu: "Quando se vai ao Japão, deve-se deixar de acreditar que seja um dever sagrado preparar-se para o trabalho de amanhã mediante o sono e o descanso de hoje. O sono é para ser considerado à parte das questões de recuperação, repouso e diversão". Deverá ser destacado, tal qual uma proposta de trabalho, "sozinho, isolado, sem relacionar-se com fato algum de vida ou de morte". \* Os americanos estão habituados a estimar o sono como algo a que nos entregamos a fim de manter a resistência, sendo que o primeiro pensamento da maioria de nós quando despertamos de manhã é calcularmos quantas horas dormimos naquela noite. A extensão de nosso sono indica-nos quanta energia e eficiência teremos naquele dia. Os japoneses dormem por outras razões. Gostam de fazê-lo, entregando-se prazerosamente ao sono, uma vez aliviada a tensão.

Em compensação, não hesitam em sacrificar im- placavelmente o sono. Um estudante que se prepara para exame atravessa dias e noites, sem a mínima consideração de que o dormir pudesse dar-lhe melhores condições para o exame. No treinamento militar, o sono é simplesmente algo a sacrificar pela disciplina. O Coronel Harold Doud, adido ao exército japonês de 1934 a 1935, narra a sua conversa com o Capitão Teshima. Durante manobras em tempos de paz, os soldados passaram "duas vezes três dias e duas noites sem dormir, à exceção das paradas de dez minutos e de curtos intervalos no período. As vezes os

\* Watson, W. Petrie, *The Future of Japan*, 1907.

homens dormiam marchando. O nosso segundo-tenente fez todos rirem quando marchou de encontro a uma pilha de tábuas, na beira da estrada, dormindo a sono solto". Quando finalmente se armou acampamento, mesmo assim ninguém teve oportunidade de dormir, com a ocupação dos postos avançados e os serviços de patrulha. "Mas por que não deixa alguns deles dormir?", indaguei. "Oh, não!", retrucou ele. "Isso não é necessário. Dormir, já sabem. Treinam é para ficar acordados." \* O que bem sintetiza o ponto de vista japonês.

Comer, tal como o agasalho e o sono, tanto é um re-pouso abertamente desfrutado como prazer, quanto uma disciplina imposta para adquirir-se tẽmpera. Como forma de lazer, os japoneses demoram-se em refeições com infindáveis pratos, durante as quais uma colher de chá de alimento vem de cada vez e a comida é apreciada tanto pelo aspecto quanto pelo sabor. Mas a disciplina, por outro lado, é exigida. "Rápido comer, rápido defecar, os dois reunidos constituem uma das mais altas virtudes japonesas", Eckstein cita as palavras de um aldeão japonês.\* \* "Comer não é considerado um ato de importância . . . Comer é necessário para conservar a vida, portanto deve ser da forma mais breve possível. As crianças, em especial os meninos, contrariamente à Europa, não são obrigados a comer devagar, e sim o mais depressa possível" (o grifo é meu).\* \* \* Nos mosteiros de fé budista, onde os sacerdotes estão sob disciplina, na oração de graças antes das refeições, pedem eles para lembrarem-se de que a comida é apenas um remédio. O intuito é de que os que se estão calejando devam desprezar a comida como prazer e considerá-la apenas uma necessidade.

De acordo com as idéias japonesas, a privação involuntária de comida constitui um teste especialmente adequado de quanto se esteja "calejado". Tal como abrir mão do agasalho e do sono, portanto, igualmente, privar-se de comida constitui uma oportunidade de se demonstrar que se pode "agüentar firme" e, como os samurais, "segurar o palito entre os dentes". Enfrentando-se a abstenção de alimento, obtẽm-se um

\* *How the Jap Army Fights*, artigos do *Infantry Journal*, publicado pela Penguin Books, 1942, pp. 54-55.

\*\* Eckstein, G., *In Peace Japan Breeds War*, 1943, p. 153.

\*\*\* Nohara, K., *The True Face of Japan*, London, 1936, p. 140.

aumento de força através da vitória do espírito e não uma diminuição ocasionada pela falta de calorías e vitaminas. Os japoneses não aceitam a correspondência equivalente demandada pelos americanos entre a nutrição e a força corporais. Deste modo, à rádio de Tóquio, durante a guerra, cabia divulgar ao povo que a calistenia tornaria a gente faminta de novo forte e vigorosa.

O amor romântico é outro “sentimento humano” que os japoneses cultivam. Aclimata-se perfeitamente no Japão, por mais que contrarie suas formas de casamento e obrigações para com a família. Suas novelas estão cheias dele e, tal como na literatura francesa, os personagens principais já estão casados. Duplos suicídios por amor são temas favoritos de leitura e de conversa. A *História de Genji*, do século X, é uma novela de amor romântico tão primorosa como qualquer grande romance jamais produzido por qualquer país do mundo, e as histórias de amores de senhores e samurais do período feudal pertencem a este mesmo gênero romântico. É um tema preponderante em suas novelas contemporâneas. O contraste com a literatura chinesa é muito grande. Os chineses poupam-se muitos problemas não ressaltando o amor romântico nem os prazeres eróticos, sendo a sua vida familiar, conseqüentemente, de tendência notavelmente equilibrada.

Não há dúvida de que neste particular os americanos conseguem entender melhor os japoneses do que os chineses, mas mesmo assim de forma não muito apreciável. Temos muitos tabus no prazer erótico que os japoneses não têm. É um terreno em que, ao contrário de nós, não são moralistas. Como qualquer outro “sentimento humano”, consideram o sexo de todo bom ocupando um lugar secundário na vida. Nada há de mal nos “sentimentos humanos” e portanto não há necessidade de ser moralista quanto aos prazeres do sexo. Comentam ainda o fato de que os americanos e os ingleses consideram pornográficos alguns de seus apreciados livros de ilustrações e vêem o Yoshiwara — o bairro das gueixas e prostitutas — sob uma luz tão sensacionalista. Os japoneses, mesmo nos primeiros anos de contato com o Ocidente, mostravam-se muito suscetíveis a esta crítica estrangeira e aprovaram leis visando pôr seus hábitos mais próximos da conformidade com os padrões oci-

dentais. Entretanto, nenhum preceito legal conseguiu ainda transpor as diferenças culturais.

Os japoneses instruídos estão inteiramente a par de que os ingleses e os americanos não encaram como eles a imoralidade e a obscenidade, mas não são tão cientes do hiato entre as nossas atitudes convencionais e o princípio deles de que os "sentimentos humanos" não devem interferir nos assuntos sérios da vida. É esta, no entanto, a origem principal da nossa dificuldade em compreender as atitudes japonesas acerca do amor e do prazer erótico. Separam eles um território que pertence à esposa de outro ligado ao prazer erótico, ambos igualmente às escâncaras. Não se apartam um do outro, como sucede na vida americana, pelo fato de que consista no que o homem admite publicamente e o outro no que seja ilícito. São separados porque um circunscreve as obrigações mais importantes de um homem e o outro a área secundária da diversão. Esta maneira de efetuar para cada setor o levantamento do "lugar devido" estabelece a separação tanto para o chefe de família ideal quanto para um homem qualquer. O japonês não preconiza ideal algum, como fazemos nos Estados Unidos, que retrate amor e casamento como uma única e idêntica coisa. Aprovamos o amor na proporção de que constitua a base da escolha de uma esposa. "Estar apaixonado" vem a ser a nossa razão mais aceita para o casamento. Após o casamento a atração física por outra mulher por parte do marido é humilhante para a esposa devido a conferir ele alhures o que de direito pertence a ela. Os japoneses têm julgamento diverso. Quanto à escolha de uma esposa, o jovem deverá curvar-se à seleção dos pais e casar-se às cegas. Deverá observar um grande formalismo nas suas relações com a esposa. Mesmo no dar e receber da vida familiar, os filhos não hão de ver gesto algum de emoção erótica passar entre eles. "Neste país a finalidade real do casamento é tida como sendo a procriação dos filhos", afirmou um japonês atual, numa de suas revistas, "assegurando dessa forma a continuidade da vida familiar. Qualquer propósito diferente deste tão somente resultará na perversão do seu verdadeiro significado."

Mas isto não significa que um homem permaneça virtuoso limitando-se a uma tal vida. Se puder, sustenta uma amante. Num acentuado contraste com a China, não traz para o seio da família a mulher que lhe agradou. Se o

fizesse, iria misturar os dois setores de existência que deveriam se conservar separados. A moça pode ser uma gueixa, altamente instruída em música, dança, massagem e artes recreativas ou, então, uma prostituta. Em qualquer dos casos, ele assina um contrato com a casa onde ela está empregada e por este instrumento a moça fica protegida do abandono e com um rendimento assegurado, sendo instalada em uma casa para ela. Somente em casos muito excepcionais, quando a moça tiver um filho que o homem tencione educar junto com os outros seus, é que ele a traz para casa, ficando ela sob a designação de criada e não de concubina. A criança passa a chamar a esposa legal de "mãe", e os laços entre a mãe verdadeira e o filho não são reconhecidos. Assim se define, pois, como nada tendo de japoneses todo o sistema oriental de poligamia, que constitui na China um padrão tradicional tão marcado. Os japoneses mantêm as obrigações de família e os "sentimentos humanos" apartados mesmo espacialmente.

Somente a classe superior pode arcar com o sustento de amantes, entretanto, a maioria dos homens vez por outra visitou gueixas ou prostitutas. Tais encontros nada têm de furtivos. A esposa poderá vestir o marido e prepará-lo para a sua noite de diversão. A casa por ele visitada poderá mandar a conta para a esposa e esta a pagará com a maior naturalidade. Talvez o fato não lhe agrade, mas isto será um problema seu. Uma visita a uma casa de gueixas é mais cara do que a visita a uma prostituta, mas o pagamento efetuado por um homem pelo privilégio de uma noite dessas não inclui o direito de tê-la como parceira sexual. O que obtém é o prazer de ser entretido por moças lindamente vestidas e de meticulosos ademanos, minuciosamente treinadas para o seu desempenho. Para ganhar acesso a uma determinada gueixa, seria preciso que o homem se tornasse o seu patrono, assinando um contrato mediante o qual ela passaria a ser sua amante ou então que a seduzisse com os seus encantos, de modo a que ela a ele se entregasse de livre vontade. Entretanto, uma noite em companhia de gueixas não constitui assunto sexual. Suas danças, sua agudeza de espírito, suas canções, seus gestos são tradicionalmente sugestivos e cuidadosamente calculados para expressarem tudo o que uma esposa de classe

superior não pode oferecer. Elas pertencem ao “círculo dos sentimentos humanos” e proporcionam alívio do “círculo de *ko*”. Não há razão para não desfrutar; as duas esferas, no entanto, acham-se apartadas.

As prostitutas vivem em casas licenciadas e, após uma noite em companhia de uma gueixa, um homem poderia visitar uma prostituta, se o quisesse. O preço é baixo e os de pouco dinheiro têm de contentar-se com esta forma de diversão e desistir das gueixas. Os retratos das moças da casa são exibidos do lado de fora e os homens costumam passar longo tempo examinando-os publicamente e fazendo suas escolhas. Tais moças ocupam posição humilde e não são colocadas em pináculos como as gueixas. São na maioria filhas de gente pobre vendidas por suas famílias ao estabelecimento por contingência econômica e não são iniciadas nas artes recreativas das gueixas. Antigamente, antes do Japão aperceber-se da desaprovação ocidental do costume e aboli-lo, as próprias moças é que ficavam em público exibindo seus rostos impassíveis para os fregueses escolherem suas mercadorias humanas. Suas fotografias as substituem.

Uma dessas moças poderá ser escolhida por um homem que se torna seu patrono exclusivo e instala-a como amante, após fazer contrato com a casa. Serão elas protegidas pelos termos do acordo. Entretanto, um homem poderá tomar como amante uma criada ou comerciária sem assinar contrato e essas “amantes voluntárias” são as mais indefesas, precisamente aquelas que de modo mais provável apaixonaram-se por seus companheiros, mas acham-se fora de todos os círculos de obrigação reconhecidos. Quando os japoneses lêem nossos contos e poemas de mulheres sofredoras abandonadas pelos amantes “com o meu filho no colo”, identificam essas mães de filhos ilegítimos com as suas “amantes voluntárias”.

As satisfações homossexuais também fazem parte dos “sentimentos humanos” tradicionais. No Japão antigo constituíam elas os prazeres autorizados de homens de posição elevada tais como os samurais e os sacerdotes. No período Meiji, quando o Japão tornou ilegais tantos costumes seus, num esforço para obter a aprovação dos ocidentais, decretou que este hábito seria punido por lei.



Ainda se enquadra, no entanto, entre aqueles "sentimentos humanos" a respeito dos quais as atitudes moralistas são inadequadas. Deverá ser mantido na sua posição devida, não cabendo que interfira na direção da família. O perigo, portanto, de um homem ou de uma mulher "tornar-se" homossexual, segundo a expressão ocidental, é quase inconcebível, embora um homem possa resolver adotar a profissão de gueixa masculina. Os japoneses ficam particularmente chocados com os homossexuais passivos adultos nos Estados Unidos. Os homens no Japão procurariam garotos como companheiros, já que consideram o papel passivo abaixo da sua dignidade de adultos. Os japoneses traçam suas linhas pertinentes ao que um homem possa fazer sem ferir o amor-próprio, não sendo elas, porém, as mesmas que as nossas.

Os japoneses não são tampouco moralistas quanto a prazeres auto-eróticos. Nenhum outro povo jamais teve tantos acessórios para tal finalidade. Também neste terreno procuraram evitar a reprovação estrangeira abolindo uma parte da publicidade mais patente recebida por tais objetos, embora eles próprios não os considerassem instrumentos malignos. A severa atitude ocidental contrária à masturbação, mais acentuada ainda na maior parte da Europa do que nos Estados Unidos, grava-se profundamente na nossa consciência antes de chegarmos à idade adulta. O menino ouve murmúrios de que provoca a loucura ou a calvície. A mãe tê-lo-á vigiado quando bebê e talvez tenha dado grande importância a esse assunto, castigando-o fisicamente. Talvez lhe tenha amarrado as mãos. Talvez lhe tivesse dito que Deus o puniria. Os bebês e as crianças japonesas não passam por tais experiências e como adultos não podem, portanto, ter atitudes como as nossas. O auto-erotismo é um prazer a respeito do qual não experimentam sentimentos de culpa e consideram-no suficientemente controlado, atribuindo-lhe a sua secundária posição numa vida decente.

A embriaguez é outro dos "sentimentos humanos" permissíveis. Os japoneses consideram os nossos compromissos de abstinência total como uma das extravagâncias do Ocidente e igualmente as nossas campanhas locais visando promulgar a lei seca na região em que habitamos. Beber o sake constitui um prazer que nenhum homem de posse de suas faculdades negaria a si

próprio. Por outro lado, o álcool figura entre as distrações menos importantes e nenhum homem de posse de suas faculdades se deixaria, tampouco, dominar-se por ele. Segundo a sua maneira de pensar, tanto não se teme “transformar-se” num bêbedo quanto num homossexual, sendo verdade que o ébrio compulsivo não constitui problema social no Japão. O álcool é uma diversão agradável e tanto a própria família quanto o público não consideram um homem repulsivo quando se acha sob a influência da bebida. Não é provável que se torne violento e certamente ninguém imagina que vá bater nos filhos. Uma boa bebedeira é bastante comum e o relaxamento dos rigorosos preceitos japoneses quanto às atitudes e gestos é geral. Nas festas citadinas de *sake*, os homens gostam de sentar-se nos colos uns dos outros.

O japonês típico separa rigorosamente a bebida da comida. Logo que um homem começa a comer arroz numa festa campestre onde seja servido o *sake*, isto significa que parou de beber. Já passou para outro “círculo” e mantém-nos separados. Em casa, poderá tomar *sake* após a refeição, mas não come e bebe ao mesmo tempo. Entrega-se a uma e outra distração de cada vez.

Tais pontos de vista japoneses sobre os “sentimentos humanos” têm várias conseqüências. Retira todo apoio à filosofia ocidental dos dois poderes, a carne e o espírito, lutando continuamente pela supremacia em cada vida humana. Na filosofia japonesa a carne não é um mal. Desfrutar de seus possíveis prazeres não constitui pecado. O espírito e o corpo não são forças opostas no universo, levando os japoneses tal princípio a uma conclusão lógica: o mundo não é um campo de batalha entre o bem e o mal. Sir George Sansom escreve: “Através de sua história, os japoneses parecem ter conservado de certo modo a incapacidade de discernir, ou a relutância em atacar o problema do mal”. \* De fato, constantemente se recusaram a uma tal norma de vida. Acreditam que o homem tenha duas almas, não constituindo elas, no entanto, uma luta dos bons impulsos contra os maus. São a alma “branda” e a “rude”, havendo ocasiões na vida de um homem — e de um país — em que deva ser “brando” e, em outras, “rude”. Uma alma não está destinada ao inferno e a outra

\* Sansom, *ob. cit.*, 1931, p. 51.

ao céu. Ambas são necessárias e boas, em ocasiões diferentes.

Mesmo os seus deuses são manifestamente bons e maus desta mesma maneira. O seu deus mais popular é Susanowo, "Sua Veloz e Impetuosa Majestade Masculina", irmão da Deusa do Sol, cuja conduta inominável para com a irmã haveria de situá-lo na mitologia ocidental como um demônio. Esta última tenta expulsá-lo de seus aposentos porque suspeita dos motivos dele em vir procurá-la. Ele se porta de maneira desatinada, espalhando excremento no salão de jantar, onde ela e os seus seguidores estão celebrando a cerimônia dos Primeiros Frutos; demole as demarcações dos arrozais — uma afronta terrível; e como pior injúria de todas — extremamente enigmática para um ocidental — arroja no seu quarto, através de um buraco que pratica no teto, um cavalo malhado "cujo pelo escanhoara". Por todos esses ultrajes, Susanowo é julgado pelos deuses, recebe pesada multa e é exilado do céu para o País das Trevas. Continua sendo, porém, um deus favorito do panteão japonês, sendo devidamente adorado. Personagens divinos como esses são comuns nas mitologias do mundo inteiro. Nas religiões de ética mais elevada, contudo, eles foram excluídos, já que, numa filosofia de conflito cósmico entre o bem e o mal, é mais compatível separar seres sobrenaturais em grupos tão diferentes como o branco e o preto.

Os japoneses sempre se mostraram sumamente categóricos em negar que a virtude consiste em combater o mal. Conforme há séculos vêm afirmando seus filósofos e mestres religiosos, um código moral como este é estranho ao Japão. Proclamam enfaticamente que por isso fica comprovada a superioridade moral do seu povo. Os chineses, dizem eles, precisaram ter um código moral que elevou o jen, a conduta justa e benévola, a um caráter de norma absoluta, mediante a aplicação da qual todos os homens e os atos poderiam ser considerados carentes se não a satisfizessem. "O código moral foi bom para os chineses, cujas naturezas inferiores demandavam tais meios artificiais de repressão." Assim escreveu o grande xintoísta do século XVIII, Motoori, sendo que mestres budistas e líderes nacionalistas modernos escreveram e falaram sobre o mesmo tema. A natureza humana no Ja-

pão, dizem eles, é espontaneamente boa e digna de confiança, não tem necessidade de combater uma parte má de si própria. Precisa é limpar as janelas de sua alma e agir com propriedade em todas as ocasiões. Se se houver deixado "sujar", as impurezas serão prontamente removidas e a bondade essencial do homem brilhará novamente. A filosofia budista, mais do que em qualquer outra nação do mundo, avançou no Japão ensinando que cada homem é um Buda em potencial e que as regras da virtude não se encontram nos textos sagrados, e sim no que se desvenda em nossa alma iluminada e inocente. Por que desconfiar do que se encontra lá? Não existe mal inerente na alma humana. Eles não têm uma teologia que exclama junto com o salmista: "Vede, forjaram-me na iniquidade e minha mãe concebeu-me no pecado". Não ensinam doutrina alguma a respeito da Queda do Homem. Os "sentimentos humanos" são bênçãos que o homem não deve condenar, nem o filósofo, nem tampouco o camponês.

Para ouvidos americanos, tais doutrinas parecem conduzir a uma filosofia de comodismo e licenciosidade. Os japoneses, entretanto, como vimos, consideram o supremo empreendimento da vida o cumprimento das próprias obrigações. Aceitam inteiramente o fato de que o pagamento do *on* implica em sacrificar os desejos e os prazeres pessoais. A idéia de que a busca da felicidade seja uma finalidade séria na vida é para eles uma doutrina imoral, de causar estupefação. A felicidade é uma distração a que a pessoa se entrega quando pode, sendo, no entanto, de todo inconcebível dignificá-la como algo através do qual o Estado e a família devam ser julgados. O fato de que um homem muito sofra para atender às suas obrigações de *chu*, *ko* e *giri* está bem dentro de suas expectativas. Torna a vida dura, mas estão preparados para isso. Constantemente renunciam a prazeres que de modo algum consideram perversos. O que exige força de vontade vem a ser a mais admirada virtude no Japão.

O fato de ser tão raro um "final feliz" nas novelas e peças japonesas é coerente com essa posição deles. As platéias populares americanas anseiam por soluções. Querem acreditar que as pessoas vivam felizes para sempre. Querem estar certas de que sejam recompensadas por sua virtude. Se têm de chorar no fim de uma peça, deverá ser porque houve um defeito no caráter do herói ou

por ter sido ele vitimado por uma ordem social corrupta. Mas é muito mais agradável ver tudo sair bem para o herói. As platéias populares japonesas assistem debulhadas em lágrimas o protagonista chegar ao seu fim trágico e a adorável heroína ser assassinada devido a uma giro da roda da fortuna. Tais enredos constituem os pontos altos do entretenimento de uma noite. São o que as pessoas vão ver no teatro. Mesmo os seus filmes modernos são construídos sobre o tema dos sofrimentos do herói e da heroína. Estão apaixonados e renunciam aos seus entes amados. São bem casados e um ou outro suicida-se no correto cumprimento do dever. A esposa que se dedicou a salvar a carreira do marido e estimulá-lo a desenvolver seus grandes dotes de ator esconde-se no seio da grande cidade e morre pacientemente na pobreza, no dia da grande consagração dele. Não precisa haver um final feliz. A piedade e simpatia pelo herói e heroína abnegados têm toda a procedência. O seu sofrimento não advém do julgamento de Deus sobre eles. Revela que cumpriram a todo custo o seu dever sem que nada — desamparo, doença ou morte — os desvie do verdadeiro caminho.

Os seus filmes de guerra modernos conservam essa mesma tradição. Os americanos que os assistem costumam proclamar serem os mesmos a melhor propaganda pacifista por eles vista. Trata-se de uma reação tipicamente americana, por serem os filmes inteiramente relacionados com o sacrifício e o sofrimento da guerra. Não exibem paradas e bandas militares nem arrogantes aspectos de manobras návais ou de armas poderosas. Quer abordem a guerra russo-japonesa ou o incidente chinês, sua tenaz insistência é sobre a rotina monótona da lama e das marchas, o combate rasteiro, as campanhas inconclusas. Suas cenas finais não são de vitória nem de ataques *banzais*. São paradas noturnas, em alguma cidade chinesa sem nada de característico, cheia de lama. Ou focalizam representantes de três gerações de uma família japonesa estropiados, mancos ou cegos, sobreviventes de três guerras. Ou então mostram a família em casa, após a morte do soldado, chorando a perda do marido, pai e arrimo e concentrando-se para prosseguir sem ele. O fundo emocionante dos filmes anglo-americanos tipo "Cavalgada" não aparece. Nem mesmo chegam a dramatizar o tema da reabilitação dos veteranos feridos. Nem mesmo se mencionam os propósitos pelos

quais se disputou a guerra. Para a platéia japonesa basta que todos na tela tenham pago o *on* dando tudo de si, sendo tais filmes, portanto, no Japão, propaganda dos militaristas. Seus responsáveis sabiam que as platéias japonesas não seriam levadas ao pacifismo através deles.

## GLOSSÁRIO \*

*ai*, amor; especificamente, o amor de um superior por um dependente.  
*arigato*, obrigado; "esta coisa difícil".

*buraku*, um povoado de umas quinze casas; o distrito de uma aldeia.

*bushido*, "o procedimento dos samurais". Termo popularizado neste século designando ideais tradicionais de conduta japonesa. O Doutor

Inazo Nitobe, em *Bushido, a alma do Japão*, especifica como Bushido: retidão ou justiça, coragem, benevolência, polidez, sinceridade, honra, lealdade e autodomínio.

*chu*, fidelidade ao Imperador.

*daimio*, um senhor feudal.

(\*) As traduções literais estão entre aspas.

Quando não houve indicação de acento, deve-se atribuir igual valor a todas as sílabas. Os acentos marcados são toscas aproximações apenas destinadas a auxiliar leitores de fala inglesa.

*donen*, companheiros de idade.

*eta*, uma classe de párias, de um período pré-Meiji.

*geisha*, *gueixa*, cortesã especialmente treinada e alvo de prestígio elevado.

*gi*, integridade.

*gimu*, uma categoria de obrigações japonesas. Vide Quadro, p. 101.

*giri*, uma categoria de obrigações japonesas. Vide Quadro, p. 101.

*go*, unidade de medida de capacidade; menos do que uma xicara.

*haji*, vergonha.

*haraki ri* ou *seppuku*, suicídio de acordo com o código dos samurais. *Seppuku* é o termo mais elegante.

*hysteri*, nervosismo e instabilidade. Geralmente empregado com relação às mulheres.

*inkyo*, o estado de afastamento formal da vida ativa.

*Issei*, americano de ascendência japonesa nascido no Japão. Vide Nissei.

*isshin*, restaurar, buscar no passado. Um slogan da Restauração Meiji.

*jen* (chinês), boas relações humanas, benevolência.

*jichô*, dignidade; circunspeção. "Dobrar jicho com jicho", ser extremamente circunspeto.

*jin* (escrito com o mesmo caráter que o chinês *jen*), obrigação fora do código obrigatório. Vide, porém, "conhecendo jin", p. 122, nota.

*jingi* (variante de jin), uma obrigação fora do código obrigatório.

*jiriki*, "auto-auxílio", treinamento espiritual que depende exclusivamente dos poderes humanos disciplinados de cada um. Vide *tariki*.

*judo*, uma forma de jiu-jitsu. Luta japonesa.

*jiujitsu*, luta japonesa.

*kabuki*, drama popular. Vide Nô.

*kagura*, danças tradicionais executadas em santuários xintôs.

*kami*, cabeça, fonte. Termo xintô designando divindade.

*amikaze*, "vento divino". O furacão que repeliu e emborcou a frota invasora de Gêngis Cã no século XIII. Os pilotos de aviões suicidas na Segunda Guerra Mundial eram denominados Esquadrilha Kamikaze.

*katajikenai*, obrigado; "estou ofendido".

*kino dôku*, obrigado; "este sentimento venenoso".

*kinshin*, arrependimento. Período de recolhimento, a fim de remover "a ferrugem do corpo".

*ko*, devoção filial.

*koan* (pronuncia-se *ko-an*), problemas sem resposta racional, propostos pelo culto Zen para os que se acham em treinamento.

*ko-on*, obrigação para com o Imperador, o Estado.

*magokoro*, "sinceridade".

*makoto*, "sinceridade".

*Meiji*, Período, reinado do Imperador Meiji, 1868-1912. Designa o começo da era moderna no Japão.

*moxa*, folhas pulverizadas de certa planta, queimadas em cone, sobre a superfície do corpo, com finalidades curativas. Cura achaques e tendências às travessuras, por parte das crianças.

*muga*, eliminação do ser observador alcançada por aqueles que observaram treinamento.

*narikin*, *nouveau riche*. "Um peão promovido a rainha" (xadrez).



*nirvāna* (sânscrito), libertação final da alma da transmigração; estado de não-ser; absorção no divino.

*Nissei*, americano de ascendência japonesa nascido nos Estados Unidos.

Vide *Issei*.

*nô*, drama clássico. Vide *kabuki*.

*nushi*, mestre.

*on*, uma categoria de obrigações contraídas. Vide quadro, p. 101.

*oya*, pais.

*ronin*, nos tempos feudais os samurais dependentes que, devido a ignomínia, morte ou desonra de seu suserano se haviam tornado homens sem chefe.

*sake* (pronuncia-se *sa-ke*), cerveja de arroz, a principal bebida alcoólica dos japoneses.

*samurai*, nos tempos feudais, os guerreiros, homens que manejavam duas espadas. Abaixo deles estava a gente comum: agricultores, artesãos e comerciantes.

*satori*, iluminação budista.

*seppuku* ou *harakiri*, suicídio por perfuração do abdome. Nos tempos feudais era privilégio exclusivo dos nobres e samurais.

*shuyo*, autodisciplina; treinamento mental.

*sonno joi*, "Restaurar o Imperador e expulsar os bárbaros (ocidentais)".

Slogan da Restauração Meiji.

*sumimasên*, obrigado; desculpe; "isto nunca termina".

*sutra* (sânscrito), breve coleção de diálogos e aforismas. Os discípulos de Gautama Buda escreveram tais sutras no idioma coloquial de sua época (Pali).

*tai setsu*, Lei Superior.

*tariki*, "auxílio de outro". Bênção espiritual, ação de graças. Vide *jiriki*.

*tonari gumi*, pequenos grupos comunitários de cinco a dez famílias.

*Xógum*, em período pré-Meiji, o verdadeiro governante do Japão; a sucessão era hereditária, contanto que a família permanecesse no poder. O *Xógum* era sempre empossado pelo Imperador.

*yoga* (sânscrito), forma de filosofia e exercício ascético, predominante na Índia desde os primeiros tempos históricos.

*zaibatsu*, grandes empresas; membros prestigiosos da hierarquia econômica.

*Zen*, culto budista originário da China e relevante no Japão desde o século XII. Era um culto das classes superiores dos governantes e guerreiros e contrasta ainda com os grandes cultos budistas *tarikis*, de grande número de partidários.